

PERNAMBUCO



EU SOU
PASSADO,
VOCÊ É
PASSADO

LUZILÁ GONÇALVES
FERREIRA CONJUGA
O LUGAR ONDE
A MEMÓRIA VIVA
HABITA E TECE SEU
PRÓPRIO FEMINISMO

COLABORADORES



Benjamin Moser, escritor e jornalista norte-americano, que acabou de organizar a edição que reúne todos os contos de Clarice Lispector, pela editora New Directions.



Julián Fuks, escritor, autor, entre outros, de *Procura do romance*.



Igor Gomes, jornalista, autor da capa desta edição.

E MAIS

Adelaide Ivánova, fotógrafa, poeta e jornalista, residente na Alemanha. **Hélia Scheppa**, repórter fotográfica, se dedica ao trabalho da fotografia inserida no contexto da arte contemporânea. **Mariana Sanchez**, curitibana, jornalista, especialista em Cinema e em Tradução. Vive em Buenos Aires. **Paula Fábrio**, escritora, ganhou em 2012 o Prêmio São Paulo de Literatura, pelo livro *Desnorleio*. **Rodrigo Casarin**, jornalista, atua como *freelancer* escrevendo sobre literatura. **Yasmin Taketani**, jornalista.

CARTA DOS EDITORES

Como se dá no presente a irrupção do passado? A fortuna literária de Luzilá Gonçalves Ferreira é relida aqui à luz de reconfigurações da memória, mais particularmente da memória de mulheres que foram obliteradas pela História. Nas dependências internas e externas de sua casa no nobre bairro do Poço da Panela, a partir de uma extensa conversa com o jornalista Igor Gomes e de um ensaio fotográfico de Hélia Scheppa (a mesma que este ano fez sua leitura do escritor Ronaldo Correia de Brito em nossa edição de julho), Luzilá elabora uma literatura feminista em sua incessante busca pelas personagens que trafegam entre o prazer e a dor de terem nascido com útero. E fala de como elas se confundem, ou não, com a própria escritora. Faz isso com preocupações muito suas, negando qualquer aproximação com atividades militantes.

Destacamos também nesta edição o texto de Benjamin Moser, biógrafo de Clarice Lispector, sobre seu recente achado arqueológico na obra da mesma Clarice. No trabalho hercúleo de condensar todos os contos da escritora em uma só edição

(lançada há poucos meses nos Estados Unidos e na Inglaterra), ele tem seu “momento Tutancâmon” quando acha um conto perdido, nunca revisitado desde a sua original publicação há 70 anos. Nele, Moser consegue estabelecer relações próximas entre uma jovem Clarice e a obra racionalista de Spinoza.

Nossa edição de outubro chama atenção também para o lançamento de *Fernanflor*, o novo romance do escritor Sidney Rocha, aqui entrevistado por nossa colaboradora Yasmin Taketani e relido por nosso colunista Raimundo Carrero.

Entre as resenhas, a descoberta de uma “fascinante violência” da obra do autor paraense Edyr Augusto, escrita pelo crítico Rodrigo Casarin, a revisão que Mariana Sanchez faz para um dos mais importantes romances latino-americanos publicados este ano: *O vento que arrasa*, da argentina Selva Almada, e uma leitura feminista da autobiografia da baixista, cantora e letrista do Sonic Youth, Kim Gordon.

Uma boa leitura a todas e todos e até o mês que vem.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador

Paulo Henrique Saraiva Câmara

Vice-governador

Raul Henry

Secretário da Casa Civil

Antonio Carlos Figueira

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente

Ricardo Leitão

Diretor de Produção e Edição

Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro

Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)

Lourival Holanda

Nelly Medeiros de Carvalho

Pedro Américo de Farias

Tarcísio Pereira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO

Schneider Carpeggiani e Carol Almeida

REDAÇÃO

Dudley Barbosa (revisão), Marco Polo, Mariza Pontes e Raimundo Carrero (colunistas)

ARTE

Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Agelson Soares e Pedro Ferraz (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA

Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE

Daniela Brayner, Rafael Lins e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Gilberto Silva

Cepe
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

SUA REVISTA DE CULTURA
AGORA, TAMBÉM,
NA VERSÃO DIGITAL.



A revista *Continente* completa 15 anos com uma novidade pioneira no Nordeste: ganhou versão digital. Isso significa que, agora, você também tem a melhor informação sobre arte, cultura, história e comportamento no seu tablet. Tudo com interatividade e conteúdos extras de vídeo e áudio. Faça o download do app Revista *Continente* e tenha acesso, gratuitamente, às edições #171 e #172 para navegar e experimentar.



Aplicativo disponível a partir de 6 de abril.

ASSINATURA ANUAL R\$ 150,00 IMPRESSA + DIGITAL

revistacontinente.com.br | f/revistacontinente | @revcontinente | @revistacontinente

BASTIDORES

Para d. Helena, outubro é um mês auspicioso

As histórias que são para contar, que são as mesmas para esconder, fugiram de algum lugar debaixo do tapete da escritora que, como todos, carrega suas culpas

KARINA FREITAS

Paula Fábrio

Comecei a escrever *Um dia toparei comigo* no verão de 2012, enquanto revisava outro romance, *Desnoriteio*. Na época, costumava frequentar uma oficina de encadernação, onde uma senhora restaurava livros antigos para mim. Era um recanto esquecido de São Paulo, na rua Machado de Assis, e eu considerava aquele endereço um local secreto, só meu, muito embora houvesse sempre um legítimo entra e sai no balcão de expediente. Uma vez por semana, pelo menos, me debruçava sobre aquele balcão com um livro para costurar ou para colocar uma guarda e, assim, emendava um pouco de conversa fiada no meio da tarde. Foi numa dessas ocasiões que dona Helena me sugeriu a encomenda de um álbum de viagem. Ela prometeu fazer tudo às antigas, com miolo costurado, capa dura e cantoneiras para as imagens. Seria uma aquisição como outra qualquer, não fosse o tom desinteressado com o qual ela se dirigiu a mim, os olhinhos fechados como se estivesse a profetizar: “Por que você não escreve legendas para as fotografias?”

Encontrava-me exaurida com o término de *Desnoriteio* e não queria de modo algum iniciar outro livro. Escrever legendas parecia-me um passatempo ingênuo e relaxante. Aceitei.

Entretanto, confesso que me traí. Na semana seguinte já estava com uma crônica sobre a mesa, preparando-me para recortar frases para as legendas. Mas a crônica se estendeu.

Mudei de ideia. Faria um diário. Sim, um diário, como minha mãe não havia me permitido na infância, ao vasculhar gavetas para em seguida propor perguntas com respostas já incluídas.

Foi assim que me detive na atividade de escrever um diário de viagem durante meses. No entanto, quando me dei conta, já não lembrava exatamente dos lugares que havia conhecido, das pessoas com quem interagi. A memória falhava. A invenção do que vivi sobressaía. Os vestígios eram, sobremaneira, algo com o que eu teria de lidar com mais acuidade, caso pretendesse voltar aos fatos. Mas já me era impossível reviver a verdade. Foi quando surgiu a oportunidade de inscrever o trabalho para um programa de ação cultural do Estado.

Revi minhas anotações e conjecturei. Poderia escrever um romance que mesclasse as paisagens visitadas aos livros que haviam me impressionado durante a vida ou, simplesmente, que tivessem para mim uma relação afetiva com aqueles lugares. Suponho que fui bem-sucedida no meu intento, pois ganhei uma das bolsas disponibilizadas. Mas

a partir desse momento, trabalhei contra o tempo. Teria dez meses para finalizar o projeto. E assim o fiz. Mas ao final ainda não estava satisfeita.

Um dia toparei comigo permaneceu três meses descansando sobre o fundo da gaveta, quando houve uma reviravolta na minha vida. Estávamos no final de 2013, outro verão despontando, e chega a notícia do Prêmio São Paulo de Literatura para *Desnoriteio*. Naquele momento, o mercado editorial interessava-se por um novo livro de minha autoria. E por sorte eu tinha o romance pronto. Assinei contrato com uma editora carioca, a Foz, mas o texto ainda não me agradava. A essa altura, as pessoas me questionavam se eu não estaria neurótica devido à cobrança sobre o segundo livro. E eu respondia que não costumo escrever de modo descompromissado. Ora, sem compromisso faço aulas de ginástica ou lavo meu tênis. Porém, minha insatisfação foi salva por uma pergunta aparentemente feita ao acaso.

Qual a história que você não contou aqui?

Isa, minha editora, soltou a pergunta durante um encontro, enquanto fazia o gesto de folhear os originais e não olhar pra mim. Suspeito que ela soubesse o poder daquelas palavras, mas disfarçou para que eu me sentisse livre para mentir, se fosse o caso. Mas não era.

Sem dúvida, aquelas viagens todas, as fotografias, tudo, tudo era para contar e ao mesmo tempo esconder.

Meu pai havia morrido de câncer e por um longo tempo carreguei a culpa de ter-lhe abreviado a vida. Ou talvez de lhe ter consentido a chance de não prolongá-la demais. Essa questão, há muito debaixo do tapete, emergia nas linhas da trajetória da protagonista. E eu deveria revelá-la, de uma vez por todas.

A partir desse momento elaborei a trama da ficção que gostaria de contar, a narradora ganhou um timbre afetado talvez, alguns episódios foram inventados, e outros, reais, como histórias que ouvi ao longo da vida, foram incorporados ao texto. Esse processo durou mais outro ano e, quando percebi, já era verão novamente. Porém, a revisão, com os últimos retoques, somente seria concluída no outono. Havia uma coincidência um tanto bucólica e irônica entre aquela estação do ano e a primeira frase do livro: “Hoje o primeiro velho morreu. E eu começo a envelhecer”. No entanto, da janela localizada alguns palmos acima da mesa onde escrevo, avisto diariamente uma árvore. No inverno, para meu espanto, suas folhas ainda não haviam caído. Ademais, *Um dia toparei comigo* será lançado em plena primavera, e dona Helena considera outubro um mês auspicioso.

ENSAIO

Atenção: tudo é divino maravilhoso

Os encontros e as perdas durante a caça por um texto raro de Clarice Lispector

Benjamin Moser

O pesquisador literário às vezes inveja outros exploradores. O geógrafo pode chegar à nascente de um rio importante. O egiptólogo talvez esbarre num sarcófago desconhecido. O historiador de arte com sorte descobre – atrás de um sofá, num canto qualquer – um novo Leonardo. As alegrias de quem mexe com literatura são, em comparação, pouco adaptáveis ao cinema. O interesse do trabalho surge da crescente apreensão de uma obra, de uma personalidade, dentro e ao redor da obra. Depois, da possibilidade de divulgar as pesquisas e reflexões.

Mas isso não nos impede de sonhar com uma descoberta. Sabemos que todo autor moderno deixa rastros em locais inesperados. Até os maiores, para sobreviver, escreveram em jornais secundários; deram entrevistas a periódicos obscuros; recorreram a pseudônimos em trabalhos burocráticos que não queriam ver associados à obra “real”. Depois de um tempo, porém, pensamos que tudo o que diz respeito a determinado autor já deve ter sido descoberto. Afinal, quantas pessoas não vasculharam os mesmos arquivos? Quantas pessoas não chegaram antes?

O meu momento Tutancâmon ocorreu num dia qualquer, numa salinha sem graça de uma biblioteca no Rio de Janeiro, cheia de estudantes que enviavam mensagens de texto e olhavam entediados pelas janelas. Eu também estava entediado. Há dias folheava as páginas amareladas dos jornais com os quais Clarice Lispector havia colaborado no início de sua carreira. Eu estava preparando o volume de contos de Clarice a ser lançado em tradução inglesa, a reunião de todos eles, de seus primeiros esboços, aos dezenove anos, até as derradeiras histórias que ela deixou inacabadas ao morrer.

No Brasil, os contos completos de Clarice nunca foram publicados num volume único – encontram-se dispersos em inúmeros volumes. Como eu, valendo-me da língua franca em que se transformou o inglês, pretendia estabelecer uma edição que pudesse servir para promover a escritora para além das fronteiras dos países de expressão em língua portuguesa, queria ter a certeza de haver recolhido absolutamente tudo. Àquela altura, no entanto, eu começava a pensar que estava metido num trabalho insano, à espera de uma recompensa que talvez não se materializasse nunca. De repente, topei com meu tesouro, meu Leonardo: um conto que não havia sido revisitado desde o dia em que veio à luz, setenta anos atrás.

Não posso dizer que tenha caído em prantos, de joelhos, tampouco que meu achado fosse uma Mona Lisa. Não: era um pequeno desenho. Um texto um tanto cifrado, com um tom hierático que não deve ter suscitado grande interesse no dia em que apareceu. No contexto da obra da escritora, contudo, a segunda parte de “Cartas a Hermengardo”¹ – a terceira já era conhecida – revela aspectos bastante interessantes, que a vinculam à leitura de uma obra que exerceu sobre ela uma influência de peso.

Por volta de seus vinte anos, Clarice leu Spinoza numa tradução francesa, publicada apenas sete semanas antes da ocupação da França pelos nazistas. O escritor alemão Arnold Zweig, que assina o prefácio da edição, conjectura a perdurável ascendência do filósofo judeu-holandês sobre escritores jovens: “Desnecessário explicar que este grandioso panteísmo exerceu uma influência particular sobre os poetas e as naturezas poéticas, sobre os temperamentos faustianos”.

A jovem Clarice, uma das “naturezas poéticas” que o filósofo inspirou, já em *Perto do coração selvagem* – seu romance de estreia – cita extensos trechos de Spinoza. E a presença dele em sua obra seria notada até *A hora da estrela*, o último livro que ela lançou em vida, onde ela proclama “Deus é o mundo”, quase citando a famosa fórmula de seu mentor, “*Deus sive natura*” – “Deus, ou seja, a natureza”. Clarice frequentava amiúde o filósofo. O exemplar francês que o apresentou a ela está coalhado de anotações:

“Tudo que é, é porque alguma coisa foi anteriormente. Os fatos se ligam ao passado e não ao futuro (controle íntimo).”
“Dentro do mundo não há lugar para outras criações. Há apenas a oportunidade de reintegração e de continuação. Tudo o que [pode] existir, já existe certamente.”

KARINA FREITAS



“Nossa infelicidade vem de que somos incompletos (faíscas do fogo divino, como queriam os [hindus]) e perdemos o sentimento do todo.”

Em “Cartas a Hermengardo”, a leitura de Spinoza ainda não está bem digerida. O tom didático emula o filósofo, que expôs em curtas frases como se deve viver. Por meio de Idalina, que dá conselhos ao pobre Hermengardo com uma autoridade por vezes altaneira, Clarice também busca apontar a conduta correta.

Ambos os autores pretendem advertir contra as paixões, como se lê aqui em Clarice: “Eu te digo que há uma alegria em renunciar à dor das paixões. Porque desejá-las é desejar a dor e não o contentamento e os nobres sentem em si a necessidade de auscultar sua capacidade de arder.” Spinoza define quem renunciou a esse ardor: “O Sábio [...] não conhece quase nenhum tormento interior, mas, por uma certa eterna necessidade de si próprio, de Deus, e das coisas, não para nunca de ser e possui o verdadeiro contentamento.”

Podemos adivinhar, atrás dessas frases, seres tentados pelo ciúme, pela raiva, pela paixão. As criaturas tépidas, afinal, não procuram nem precisam arder, mas quem arde precisa renunciar ao fogo: “Que a alma foi feita para ser guiada pela razão e que ninguém poderá ser feliz se estiver à mercê dos instintos,” escreve Clarice. Ecoa a frase de Spinoza: “Não há então nada mais útil para a conservação do próprio ser e do gozo da vida de acordo com a razão que um homem guiado pela razão”.

Há outro ardor a que não se deve renunciar. O “grandioso panteísmo” que tanto interessou aos



poetas é a ideia de que tudo no universo é perpassado, é impregnado de um sopro de vida. Spinoza o chama de “Deus”; Clarice lhe dará muitos nomes. É uma ideia poética, mística, mas no século 17 a ideia de que o mundo e Deus são sinônimos foi, antes de mais nada, uma revolução. Dispensou Estados e Igrejas; abriu um caminho para que cada um encontrasse o Deus que quisesse, onde quisesse. Divina simplesmente por fazer parte do mundo, a pessoa já não precisa de salvação. São as “faíscas do fogo divino” que, em toda a obra de Clarice Lispector, suas personagens tentarão descobrir.

Ser de natureza divina é uma coisa. Agir de acordo com essa natureza é outra. O primeiro é dado, o segundo é resultado de uma dura aprendizagem. Para aprender a viver, é preciso uma *ética*, para emprestar o título de uma das principais obras de Spinoza. Daí o tom de conselheira sábia que Clarice adota nesses contos. Ao mesmo tempo, vemos que esse tom a cansa: “Se não puderes seguir meus conselhos e todos os programas que inventamos para nos melhorar, chupa umas pastilhas de hortelã. São tão frescas”.

Aqui, Clarice nos prepara para uma outra diferença sua em relação ao filósofo. O homem guiado pela razão, diz Spinoza, é necessariamente mais homem, porque a razão é o que nos separa dos animais. “O maior bem da alma é o conhecimento de Deus; sua mais alta virtude é conhecer Deus, o que significa: estar de acordo com a nossa natureza.” Clarice concorda com isso, mas para ela nossa natureza não exclui a animalidade. “Porque nós somos animais, porém somos animais perturbados pelo homem”, escreve em “Cartas a Hermengardo.”

“Ser de natureza divina é uma coisa. Agir de acordo com essa natureza é outra. O primeiro é dado. O segundo é aprendizagem”

Para Spinoza, “a regra da procura do útil nos ensina a necessidade de nos unir aos homens, mas não aos animais ou às coisas, cuja natureza é diferente da humana”. A busca de Clarice para a superação desse limite terá um clímax em *A paixão segundo G.H.*, livro em que G.H. busca uma reunificação de sua essência com a da barata. A natureza essencial da barata – irracional, animal – não é diferente da humana. Justamente.

A palavra “animal” vem da palavra latina “*anima*” (alma). Em iídiche, idioma da infância de Clarice Lispector, um animal selvagem é um “*vilda chaya*”. Chaya – animal, vida – era o nome que tinha Clarice antes de chegar ao Brasil.

Se Spinoza queria, de certa forma, fazer do homem mais humano, Clarice Lispector queria reencontrar a “*vilda Chaya*,” o coração selvagem que lhe foi roubado pelo que chamaria de “civilização”. Ela bem sabia que era impossível voltar a um estado de natureza pura. Todos precisamos viver no mundo como ele é. Mas em livros como *A paixão segundo G.H.* vemos com que ardor ela imaginava uma vida anticivilizada: anti, digamos, ética. É por isso que minha descoberta me empolgou tanto. Não só pelo arqueológico prazer de preencher um vazio na bibliografia, mas pelo prazer de encontrar, depois de um estudo prolongado, um maior entendimento de uma personalidade e de uma obra.

Eis aqui o embrião de um grande pensamento. Vemos, pela primeira vez, uma menina brasileira, ainda adolescente, medindo suas forças contra um dos grandes filósofos. A admiração por ele fica evidente. Como também evidente fica sua dignidade, sua capacidade de pensar por si própria, que dará à futura obra tamanha força intelectual. Essa força, que logo se combinará a uma poderosa força emocional, é que faz o prazer, e também o susto, de ler Clarice Lispector. Não é todo dia que nos é dado ver um gênio surgir. Pois, como disse Spinoza, “tudo que é grande é tão caro quanto raro”.

1. As três partes do conto “Cartas a Hermengardo”, publicadas no jornal carioca *Dom Casmurro* em 14 de junho, 26 de julho e 30 de agosto de 1941, foram publicadas juntas em *Clarice na cabeceira: jornalismo* (Rocco, 2012).

ENTREVISTA

Sidney Rocha

De quando o personagem vira artefato explosivo

Um pintor em busca do belo em si mesmo guia o começo de uma trilogia que, segundo seu autor, trata de um “mundo interior inteiramente voltado para fora”

JOÃO MIGUEL PINHEIRO/DIVULGAÇÃO



Entrevista a Yasmin Taketani

Jeroni Fernanflor pode não ser o tipo que se quer por perto, mas há que se admitir: *Je suis Jeroni*. Neste novo romance de Sidney Rocha, que sai pela Iluminuras e é o primeiro de uma trilogia, o personagem hedonista ostenta nossos medos, vícios e ambições. Com direito a momentos trágicos, poéticos e hilários.

Narrando a formação, o êxito e o declínio desse pintor que preza mais o belo do que

o próximo, o escritor cearense radicado em Pernambuco trata de um quadro que muito lhe interessa: a vida interior. Em *Fernanflor*, contudo, o autor dos contos de *O destino das metáforas* e do romance *Sofia*, entre outros, não pretende que o leitor encontre um espelho, mas “um artefato explosivo, que faça pensar e sentir de outra maneira”.

Na conversa a seguir, Rocha fala sobre o projeto de sua trilogia, a passagem do tempo, pintura e esse personagem que achou que era deus.

O herói da narrativa é um tipo arrogante, ambicioso, vaidoso, individualista, que desdenha os sentimentos e para quem os relacionamentos com as mulheres têm “duração folhetinesca” — mas que parece ter plena consciência disso e uma visão crítica da sociedade em que se insere. Como surgiu Jeroni Fernanflor?

Muita acertada sua observação. Percebeu com muita clareza o que está escrito ali. Quanto ao surgimento do personagem, é muito fácil responder: surgiu de observar

“Do romance me interessa a abertura extrema, é o gênero onde tudo cabe, a libertinagem da inteligência até o nível da perversão

as pessoas. Todas. Se Madame Bovary era Flaubert – tenha ele dito a frase ou não – o certo é que Fernanflor somos todos nós, todos nós. Tanto o que nós vivemos quanto o que nós pensamos que vivemos. E o que os outros pensam que vivemos. Como um estranho jogo de espelhos. Fernanflor é a minha “lição de abismo”.

Fernanflor é o primeiro volume da trilogia que você prepara. Os outros dois projetos estão definidos? De que maneira os livros vão dialogar?

Sim, totalmente definidos, mas, se concordamos com Fernando Pessoa quando se definiu como um indisciplinador de almas, nem sempre sigo o projeto, há muitos desvios que tomamos ao longo do caminho, só tento evitar os atalhos. Se *Fernanflor* pode ser considerado, à sua maneira, um romance de formação, digamos que os outros dois serão romances de “deformação”. Os três livros dialogam de três maneiras diferentes. Com personagens que chegam e partem. Com alguns que ficam, mas são de outro lugar. E com aqueles que trafegam, em idas e vindas. Refiro-me, é claro, a certas cenas, características, vozes e propósitos que serão comuns aos três livros, quanto à estrutura, mas de todo diferentes quanto à história e aos propósitos. Mas explico de modo mais direto, para que isso não soe vago ou confuso – o que aí parece ser tem mais a ver com a complexidade do projeto, menos voltado para a “forma” que para o conteúdo, o “dentro” dos personagens, a

alma deles, se podemos dizer assim, algo que é constante nos meus livros, desde que publiquei meu primeiro romance. O mundo interior me interessa com maior voracidade do que a um viajante o mundo exterior.

Você disse ter Cortázar como forte referência para seus contos. E no romance, qual autor é seu “modelo”?

No romance, infelizmente, não há um modelo. Teria sido mais fácil escrevê-lo se houvesse.

Que aspectos de cada gênero – romance e conto – lhe interessa explorar?

Do romance me interessa a abertura extrema, é o gênero em que tudo cabe, a libertinagem da inteligência até o nível da perversão da sensibilidade. No conto, a emoção condensada como nitroglicerina e outros venenos, mas sempre a ponto de explodir, e muitas vezes explodindo, mesmo. Quero que *Fernanflor* não seja para o leitor um espelho, seja mesmo como um artefato explosivo, que faça pensar e sentir de outra maneira. Mais que um reencontro, uma descoberta. Espero que quem adquirir o romance consiga chegar a sentir isso, pois se há uma ambição no livro é esta, sem dúvida.

O personagem se coloca uma velha pergunta, que a pintura moderna tentou responder: “Como traduzir em imagens os mundos desse mundo interior?”. Essa é uma questão que lhe preocupa enquanto escritor? Como procura traduzir o mundo em palavras?

Conforme comentei, tudo no que escrevo está mesmo conectado a esse mundo interior. Mas digamos que é um mundo interior inteiramente voltado para fora, das figuras em ação e convivendo com outras. Mais que uma preocupação, uma ocupação, é a nossa forma de ação – sem trocadilho. E porque nunca conseguimos o que queremos tentamos de novo, e de novo, e de novo.

E qual é seu interesse ou sua relação com a pintura?

Interesse-me pela pintura, como por todas as coisas, quando é útil ao que estou escrevendo. Mas, claro, como Rimbaud, eu também sei contemplar a beleza, essa Gioconda que jamais engorda nem envelhece nem morre. Não me limito, porém, é claro, a esse interesse de pesquisa para romances, nem somente, como um espectador de museu, gosto de olhar para os quadros como narrativas e até tenho trabalhado isso nos cursos que dou.

Você é conhecido por inovar na estrutura dos textos e na linguagem. A inovação é, de fato, uma premissa e preocupação sua?

Não, nunca me preocupo com isso ao escrever. Tento só e humildemente fazer o meu trabalho do melhor modo que posso, e o leitor é quem dirá se a experiência ou a inovação foi conseguida ou não. Um escritor é sempre um juiz precário, começando por si mesmo.

“O escritor deve escrever, o melhor que possa. Cabe aos governos e aos que publicam trabalhar pela formação dos leitores

Em uma entrevista, você afirmou ter interesse em criar uma linguagem o mais brasileira possível mas, ao mesmo tempo, o mais universalizante possível. O que seria uma linguagem brasileira?

Aquela que não tente imitar nem macaquear de modo provinciano nenhuma outra língua ou cultura.

O tempo parece ser uma das questões que mais afligem Jeroni: o tempo morto do passado, o bombardeio do presente e a finitude pela qual o personagem é surpreendido. O próprio narrador pergunta: “O que mudou no mesmo Jeroni?”. Como você lida com essa questão?

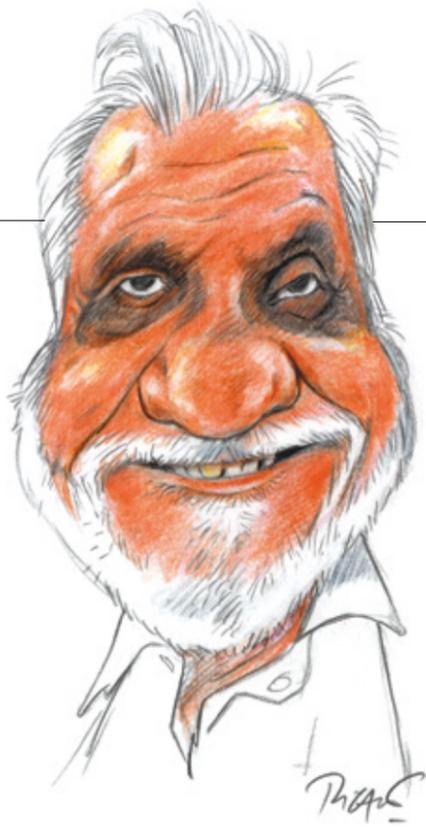
Acompanhando e desfrutando das transformações. O que está morto, mas nunca completamente. Somos mesmo o rio de Heráclito, de que tanto gostava um autor como Borges. Jeroni é parte dessa água, em permanente fluxo e ebulição. Mas a passagem do tempo nele, como em nós, é mais do que essa dimensão metafórica; é a morte, a passagem. É a certeza de que, por vaidosos que sejamos e que, mesmo reconhecendo que o homem põe vaidade até na morte, no final “não somos”, “não seremos”. Fernanflor desaparece, é água na água. Mas as tintas, coisas também líquidas, conseguem construir ilusões. Assim também vivemos, construindo ilusões, nossas adoráveis miragens, e é bom que assim seja, porque de outra maneira nem viveríamos.

Você frequentemente afirma que a grande questão da literatura hoje é o leitor – ou sua falta. O que poderia contribuir para a formação de leitores? Por que há tão poucos leitores?

Cada livro tem de inventar os seus leitores, sobretudo quando eles ainda não existem. Quanto à formação deles, ou o fomento de plateias, não é tarefa que deva preocupar a um escritor. O escritor deve escrever, o melhor que possa. Cabe aos governos e aos que publicam livros trabalhar por essa formação, porque, sem leitores, o que é um país? E o que seria dos que vivem desse estranho comércio que é o dos livros? Um escritor é sempre um leitor. Mas respondendo de forma direta: o que pode contribuir para a formação de leitores é a educação e a família, mostrando e praticando, e melhorando o nível, e, claro, dividindo o bolo do tempo de outro jeito, pois o dia continua a ter 24 horas, e o bombardeio de informação não para, e não só da literatura. Há que eleger, que filtrar, que ensinar a ler melhor para que haja leitores melhores, e com prazer.

Você participou do Ocupa Estelita, movimento social por direitos urbanos, e se posicionou publicamente quanto ao assunto. Questões atuais, como o direito à cidade, entram de alguma maneira na sua literatura? O que seria um escritor do seu tempo?

Nunca me preocupo com isso quando escrevo, preocupo-me somente com a linguagem.



Raimundo CARRERO

Em busca da beleza plena e definitiva

Novo romance de Sidney Rocha é exímio na arte de mostrar sem, de fato, dizer

E a história? Bem, a história é outra história. O que importa, o que interessa, definitivamente, é a Beleza. Única, iluminada, plena. Para Sidney Rocha, o cearense recifencizado, para usar a expressão de Gilberto Freyre, a beleza não é só o fundamento da arte, mas é, sobretudo, o fundamento da vida. Basta um olhar atento na sua obra, e não apenas em *Fernanflor*, (este romance inquietante e luminoso, publicado pela sempre surpreendente Iluminuras) mas começando por *Sofia*, prosseguindo com *O destino das metáforas*, e aí entram sobretudo a Beleza e o Destino do próprio Sidney, cuja obra hoje é um desafio para os críticos e para os leitores. Por tudo isso, é preciso estar atento, prontamente atento à produção desse escritor já consagrado com um Jabuti e a caminho de muito, muito mais.

Para admirar e compreender *Fernanflor* é preciso aproximá-lo de *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, e de *O ciúme*, de Allan Robbe-Grillet, o primeiro pelo tema – esta mesma busca da beleza – e o segundo pela arquitetura. Claro que são dois autores bem diferentes, mas aqui se trata de uni-los para a busca da compreensão deste romance ímpar, em nada semelhante àquilo que comumente escrevemos. Em Mann, há uma grande paixão dos personagens, reforçada também em Tonio, passando pela dificuldade da contemplação (porque parece faltar compreensão), e em Robbe-Grillet encontramos o oposto, em virtude do distanciamento narrativo. Sidney reuniu os dois caminhos com incrível habilidade técnica, tarefa reservada aos que compreendem, perfeitamente, a arte do romance.

A arte do romance, aliás, que tem sido muito esquecida nas produções recentes de quem precisa agradar a plateia em meio a gritinhos e crises de histeria. Há uma expectativa contemporânea para que o romancista seja apenas um bom contador de histórias, causando estremecimentos e correrias. Ou que interprete esta ou aquela cultura, que, aliás, é tarefa do ensaio ou do jornalismo. O ficcionista interpreta com a beleza e com o maravilhoso, daí a necessidade da arquitetura romanesca e, portanto, das técnicas. Sidney Rocha sabe perfeitamente, que não há romance sem beleza e que a beleza encontra-se na interioridade da obra. Tudo o mais é palavra científica sem rumo e sem sentido. Construir uma obra de ficção não é interpretar conflitos sociais com o viés acadêmico, mas transformar tudo isso em metáforas, diálogos, cenas, cenários, maravilha pura.

Mesmo Thomas Mann, considerado um erudito da literatura, mesmo ele, tão cheio de conteúdos, optava pela metáfora – por compreender, sem dúvida, que o real é muito pobre. E, no Brasil, Ariano Suassuna preferiu o caminho da interpretação pelos símbolos – o maracatu, o bumba meu boi, a música, a dança, no que nem sempre foi compreendido.

JANIO SANTOS



Sidney Rocha não se filia a nenhuma escola ou tendência, mas busca a qualidade artística acima de qualquer outra questão porque aí está arte. Em quase todo o texto ele congela o personagem, ou os personagens, em situações que não poderiam ser absurdas, mas reveladoras. Sem esquecer a vida, personagens congelados, mas humanos, conciliados com o questionamento e com a efervescência do ser. A mudança da cena, mas raramente do cenário, provoca também uma mudança do espírito, da

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

PENSAMENTO

Em novo livro, Ângelo Monteiro mantém a qualidade de seus versos e a inquietação de seu pensamento

Recentemente eleito para a Academia Pernambucana de Letras, o alagoano radicado no Recife Ângelo Monteiro (foto), pertencente ao núcleo duro da Geração 65, tem uma extensa folha de serviços prestados à literatura brasileira, com dez livros em que cultiva uma poesia intelectualmente irrequieta, com títulos vitais como *O inquisidor* (1975) e *Recitação da espera* (1992). Também um

pensador crítico da realidade brasileira e um ruminador de questões filosóficas essenciais, une, em *Como virar as páginas da solidão* (Editora Confraria do Vento), as duas vertentes de seu trabalho: poesia e prosa. Dono de uma poesia tão densa quanto límpida, também nos seus textos em prosa mantém a mesma tensão, abordando temas que vão do vazio de hoje a questões transcendentais.

DIVULGAÇÃO





inquietação, da alegria ou do desespero, sem que seja necessário um discurso, nem mesmo com a revelação do personagem.

Daí aparece outra técnica artística muito eficaz na arte da prosa de ficção: o olhar do narrador. Para possibilitar esta reunião de elementos que coordenam e dão unidade, e não apenas sentido, ao texto, Sidney recorre à sua habilidade de artesão, fazendo com que este olhar à distância mostre o personagem. E mostrar, como escreveu Truman Capote, é a principal técnica

do romance contemporâneo, dispensando, assim, o discurso ensaístico. Aí está a principal renovação de Capote, passando pelo *Nouveau roman*, em que as emoções se representam e não se exasperam.

Discussões e debates de temas não são próprios do romance contemporâneo. Tudo deve ser revelado na representação, na arte de mostrar sem dizer, de sorte que a arte se apresente plena e reveladora. Absolutamente iluminada; deixando o leitor seduzido e, sem dúvida, apaixonado.

CONTOS

Editora paranaense prossegue com divulgação de escritores

A Biblioteca Paraná, enquanto editora, mantém um trabalho constante de divulgação dos escritores paranaenses ou radicados no estado. Agora lança *48 contos paranaenses*, coletânea organizada por Luiz Ruffato, que engloba autores desde o século 19 até hoje. Nomes consagrados, como Dalton Trevisan, Cristóvão Tezza e Miguel Sanches Neto, convivem com autores ainda desconhecidos no país.

EM CORES

Fenômeno de vendagem, os livros para colorir indicados para adultos estão sendo a salvação do mercado

Rendendo só entre janeiro e maio deste ano 25,18 milhões de reais, os livros para colorir indicados para adultos estão sendo considerados a salvação do mercado editorial brasileiro. Para os especialistas, se não fossem eles, as editoras nacionais teriam andado de ré em seu faturamento em relação ao ano passado. Isso por causa da inflação e porque o preço médio do livro caiu. Mas o que explica

esse fenômeno? A necessidade de interagir, criada pelo *e-book* e que se estende a livros como *Destrua este diário* (um livro para crianças e adolescentes com instruções para destruí-lo literalmente)? Um vendedor de livraria em bairro de classe média alta do Rio observou quem realmente compra os livros para colorir. Por ordem: velhinhas, crianças, garotas e senhoras de meia-idade.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, devidamente revisados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, páginas numeradas, espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. A Cepe não se responsabiliza por eventuais trabalhos de copidesque.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.
- VII** É vedado ao Conselho receber textos provenientes de seus conselheiros ou de autores que tenham vínculo empregatício com a Companhia Editora de Pernambuco.

Companhia Editora de Pernambuco

Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

SECRETARIA
DA CASA CIVIL



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

ESPECIAL

“ESQUECER

Luzilá Gonçalves Ferreira
abre os arquivos que
preenchem a sua obra

Texto: Igor Gomes | Fotos: Hélia Scheppa





É MATAR', PALAVRA DE ARQUIVISTA



ESPECIAL

Existem muitas formas de matar alguém. “O esquecimento é uma delas”, diz Luzilá Gonçalves Ferreira, sacudindo um livreto amarelo no ar. Era uma quarta-feira, estávamos no terraço da imensa casa onde a escritora mora, no Poço da Panela.

O livrinho amarelo, escrito em francês, fala das relações entre memória e mulher, de como muitas morreram alijadas às sombras dos arquivos ou sequer mencionadas nos registros. Pergunto-me, silenciosamente porque ela lê a obra, já que o tema é íntimo seu: Luzilá é escritora conhecida por resgatar personagens femininas da história de Pernambuco e recolocá-las no rumo da história de forma romanceada. São mais de 30 livros publicados entre contos, romances e ensaios, todos com o desejo de recuperar mulheres perdidas.

Essas personagens com as quais Luzilá se depara passam pelo crivo de sua própria experiência como mulher. Mesmo que sejam “realidades possíveis” para as personagens, seus livros são calcados em extensas pesquisas em documentos históricos, sobretudo os do século 19. “Luzilá é uma arquivista”, define o amigo Lourival Holanda, professor do curso de Letras da UFPE.

Não anoto o nome do livreto. Passamos ao quintal. Ela posa com os porquinhos recém-chegados (“tão feinhos”), com as galinhas, portas e janelas da residência, que é uma extensão visível de sua personalidade. Grande, com vários quartos, sete mil livros, fotos antigas, um piano desafinado, vários animais (cinco cães, mas já houve também cabras e cavalos). Muitas plantas. A cabeleira meio assanhada, um vestidinho desses de ficar em casa, ambos caem bem em Luzilá – por engano, **Pernambuco** chegara um dia antes do combinado. Ela se irritou, mas voltou rapidamente à simpatia habitual.

“Luzilá” é nome inventado. Vem da junção de “Lupércio” – seu irmão, 20 anos mais velho – com “Zilá”, noiva dele por dez anos (não se casaram). “Eu gosto”, diz aos risos a escritora, nascida a 19 de novembro de 1936 em Garanhuns. Mudou-se ainda cedo para João Pessoa e, posteriormente, Recife, onde cresceu. Filha de Lupicínio e Almerinda, teve ainda cinco irmãos.

Foi curioso notar que a data de nascimento de Luzilá só existe em dois lugares: o tombamento editorial de *Humana, demasiado humana* (2000) e o site da Academia Pernambucana de Letras (APL), da qual ela é integrante desde 2011. Peço a informação sem dizer que já sabia, mas comentando que o dado não existe em canto algum. “Existe sim, em *Humana...*”, responde rapidamente. Parece ignorar o site da APL. Fico com a impressão de que existe um controle sobre a informação. Ela aparenta incômodo ao falar sobre o assunto. Dá data e ano, diz que não tem problema em falar sobre, mas completa garantindo que “idade não importa, o que vale é a cabeça”.

O momento inaugural como leitora tem ares de ficção. Aos dez anos, Luzilá teve sarampo e, forçada a se isolar do resto da casa, entrou no quarto do irmão, que já havia se casado, deixando toda sua biblioteca com a família. Por curiosidade, pegou um livro, *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe. Leu. “Fiquei, assim, tão admirada, mas não entendi quase nada”, conta. Ela narra o momento de forma poética – diz ter sentido o quarto se encher de gente nova e que só depois veio a entender que aqueles recém-conhecidos foram criados pela palavra. As leituras continuaram com nomes incomuns para a idade, como Anatole France e Selma Lagerlof.

Na adolescência, graças a bibliotecas públicas, entrou em contato com Grazia Deledda, Marie Bashkirtseff, Alia Rachmanova, Alexandra Kolontai e Katharine Mansfield. Foi quando começou a pensar que poderia escrever alguma coisa. “Vi aqueles contos sem assunto e percebi que não precisa ter uma grande imaginação para escrever”.

Entrou na graduação em Letras da UFPE. Após a formatura (1958), passou dois anos se especializando no Rio de Janeiro e depois foi para a França passar mais um ano e meio estudando. A França foi a consumação de amor antigo. “Sempre li muita literatura francesa, estudei sete anos de francês no colégio”. Passou a viajar pela Europa com uma instituição que organizava roteiros turísticos para estudantes. Nesse meio tempo, conheceu o futuro marido, o professor francês Gérard Licari. Casaram-se em 1962, tiveram três filhos.

Quando Licari assumiu o posto de diretor cultural da Aliança Francesa na Argentina, a família migrou



para Buenos Aires. Meses depois, Perón começaria o seu segundo mandato e logo seria substituído por Isabelita. Com a ascensão da ditadura de Videla, logo os amigos começaram a desaparecer. “Não volto lá, perdi muita gente”, diz em voz baixa. Pouco depois complementa, em tom indignado: “Não entendo como podem pedir a volta da ditadura por aqui. Esse povo parece que é irresponsável”. Algumas das experiências na Argentina ela conta de forma romanceada em *Voltar a Palermo* (2002).

Em 1980, presta o concurso para professora da UFPE. Aprovada, só sai da Universidade em 2006, pela aposentadoria compulsória.

O primeiro livro – a coletânea de contos *O espaço do teu rosto* – vem apenas em 1981, aos 45 anos. “Acho que se tivesse publicado mais cedo, teria escrito besteira. Acho que é preciso... amadurecimento é uma palavra ruim. Mas é preciso entender melhor as coisas, as pessoas”, diz Luzilá, após breve silêncio. A isso se associa à postura de Licari, que a desencorajava de tentar publicar seus textos. Separaram-se em 1979. “Ele só veio ler coisa minha há pouco tempo, quando minha filha emprestou *Voltar a Palermo*”, diz.

Na UFPE, a dedicação à pesquisa fez com que conhecesse figuras esquecidas pela história oficial de Pernambuco, como Antônia Carneiro da Cunha (*No tempo frágil das horas*), Anna Paes (*A garça mal ferida*) e Filipa Raposa (*Os rios turvos*). Em todos os livros, elas estão enredadas em histórias de amor com um homem. Por que sempre um amor heterossexual e não um homossexual ou mesmo um amor materno, fraterno? Luzilá olha para baixo e pensa. “Chego a colocar um amor materno em *Deixa ir meu povo* [2010]. Mas o centro realmente são os outros amores [homem e mulher]. São os que conheço mais de perto”, explica.

As personagens são claramente transgressoras em suas posturas. Filipa Raposa no século 16 vivia a desafiar o marido, Bento Teixeira, e seu perfil é mais corajoso e talentoso para a escrita que o dele; Anna

Paes se envolveu com holandeses enquanto havia a guerra para expulsá-los, tomando para si um papel importante na defesa do adversário; e Antônia Carneiro da Cunha era adepta da República e das reformas industriais no tempo da monarquia cafeeira.

Luzilá admite o óbvio com humildade: sente-se irmanada dessas mulheres. Lourival Holanda tenta explicar o tom escolhido pela autora. “Há na personalidade de Luzilá um movimento ou pulsão de transgressão muito forte. Então quando se casa com um estrangeiro, quando se forma na universidade, enfim, ela se mostra uma mulher, no mínimo, insubmissa [aos padrões da juventude de sua época]. Daí as afinidades eletivas que ela tem com essas mulheres. Não é por acaso. [O esforço dela] Não é um trabalho friamente acadêmico, é uma espécie de fraternização com essas personagens, que traduzem esse espírito inconformado dela”.

Para Heloísa Buarque de Holanda, professora do curso de Letras da UFRJ, Luzilá é uma escritora política. “Política porque intervém e exige mudanças ao reescrever a história das mulheres e do Brasil. Pode parecer exagero, mas estou sendo precisa”. São amigas desde os anos 1980.

Na opinião do escritor Samarone Lima, a imagem da mulher na obra de Luzilá passa pela figura de Lou Andreas Salomé, peça central de *Humana, demasiado humana*. “Uma mulher independente, criativa, que ocupa espaços, que tem a sua visão de amor”, pondera ele, também amigo da escritora. Numa manhã tranquila de agosto, entre uma pose para foto e outra, ela bate em alguns livros nas estantes. “Esses aqui são os que eu salvaria primeiro em caso de enchente”, mostrou. Entre os títulos, vários de Rilke e Lou Salomé.

Graças ao trabalho com as soterradas pelo machismo da historiografia oficial, ela passou a receber o rótulo de “feminista”. Não parece lidar bem com ele. Em



perguntas que tratam o tema de forma tangencial, reconhece a importância do papel delas, mas deixa escapar uma aversão à militância aguerrida que permeia o estereótipo feminista. “Na Anpoll [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística], éramos mulheres muito antenadas com as coisas, sem feminismo idiota”, disse, a certa altura. Em outro momento, questionada diretamente sobre a recusa de participar de eventos feministas, responde prontamente: “São muito exaltadas”. Para as colegas e amigas da Anpoll – nomes como Nádia Gotlib e Heloísa Buarque – os adjetivos reservados são “femininas”, “bonitas”, “alinhadas”, “alegres” e “sem vitimização”.

Heloísa confirma que tanto ela quanto Luzilá, em seus projetos sobre mulher, nutriam “a maior antipatia dos enfoques psicanalíticos do feminismo francês ou das simplificações, em alto contraste, do feminismo americano”.

O primeiro contato com o feminismo foi de estranhamento. Luzilá leu *O segundo sexo* aos 15 anos. Não se identificou em nada. O motivo ela atribui ao fato de serem, na casa materna, sete mulheres (incluindo a mãe) e apenas um homem (o irmão, pois o pai viajava muito) que não participava muito da vida doméstica. “Não havia repressões machistas”. A isso parece se somar a péssima impressão que Simone de Beauvoir lhe transmite.

Quando Sartre e Beauvoir vieram ao Brasil (1960), Luzilá compareceu a alguns eventos nos quais estavam presentes os dois intelectuais. Em um deles, sentou-se perto da escritora francesa. Quando Zélia Gattai e Jorge Amado chegaram no recinto, a célebre feminista teria dito em francês ao filósofo: “Não gosto dessa mulher”. A esta aparente expressão de ingratidão – Zélia e Jorge foram os anfitriões do casal francês em extensa visita ao Brasil – somam-se outras histórias. “Aqui no Recife, eles foram recebidos pela jornalista Cristina Tavares. Quando chegou na França, Beauvoir escreveu um artigo no jornal sobre a senhora ‘Cristina

Segundo Heloísa B. de Holanda, Luzilá é “política”: “Política porque intervém e exige mudanças na história das mulheres”

T., do Recife, da alta burguesia e de direita’. Ora, por favor! Dizer isso de Cristina!”, brada. Outra é uma desavença entre Simone e Nathalie Sarraute, a quem Luzilá conheceu pessoalmente. Nathalie dissera em conversa que Beauvoir publicara um artigo em jornal dizendo tê-la visto vestida de azul em uma festa e que isso a reconciliou com a velhice. “Só que Nathalie odiava azul e era apenas dez anos mais velha que a outra. [Simone] Era desonesta, não tenho a menor simpatia”.

Na primeira vez que nos vimos após ela contar essas histórias, havia uma pilha de livros a serem dados para instituições. No topo, *O segundo sexo*. “Você quer?”, ofereceu-me. “Dou-lhe agora, neste momento. É só dizer”, falou, em tom de desdém.

Apesar desses embates, Samarone Lima lembra que se pode ser feminista de diversas formas. O trabalho de Luzilá em resgatar mulheres que, de forma pioneira, publicavam textos em uma época que lhes era hostil (*Um discurso possível*, sobre a imprensa feminina no es-

tado; e *Em busca de Thargélia*, com poesia de mulheres no século 19) é “Uma força da mulher que às vezes não é levada em conta pelas feministas. Acho isso muito interessante. Ela tem outras preocupações”.

...

Luzilá faz literatura para recuperar perdas interiores, o que ela também chama de “passado vivo”. “Eu sou passado, você é passado. Acho interessantes esses resgates porque promovem o alargamento do sujeito, é a ampliação de mim. Não é saudade ou lembrança morta, é a coisa que está agora”, explica. “É o processo de dar novo sentido às coisas?”, pergunto. “Pode ser”, responde prontamente, com notas de incerteza na voz. Escrever foge a definições precisas. É um ato estranho. Porque os planos metódicos são fracassados. “Você vai trabalhar com palavra que todo mundo já usou, não tem mais graça... suja. Vai trabalhar com emoção, que ninguém sabe o que é. Vai trabalhar com você mesmo, que não se entende”, esboça.

Sobre o ato de limpar a palavra, desejo que vem da leitura assídua de poesia, ela solta um exemplo de forma espontânea. “Vocês jornalistas, por exemplo. Às vezes quando uma pessoa responde a você, na matéria sai que a fonte ‘disparou’ uma declaração”, diz, tom de repúdio. Explico que a variedade de verbos são metáforas para transpor melhor a força da fala. “Entendo”, começa, “Mas disparar é disparar e responder é responder”.

Aos livros já publicados, somam-se outros na gaveta – histórias romanceadas de Maria Bonita e Capitu – ou encalhados em editoras – um ensaio sobre Georges Sand e uma antologia da literatura pernambucana que vai de Bento Teixeira a César Leal. Sobre o último, o impasse se deve à preguiça de revisão. São 1300 páginas, não há paciência para voltar ao texto. Ela conta sete ou mais livros parados, não dá certeza.

O único livro em que trabalha no momento é a história romanceada de Simoa Gomes, mulher de origem

ESPECIAL



indígena que fez a doação de terras para fundação de Garanhuns. Fala da responsabilidade que é romancear sua terra natal. “Eles se mostraram ansiosos pelo livro”, diz. A obra está quase pronta.

Luzilá volta pouco aos livros após escrevê-los. Seus tempos em geral são curtos: passa alguns meses em uma obra e, depois de enviá-la para publicação, não quer mais saber. Garante que as perdas interiores são resolvidas de alguma forma quando viram ficção. Os amigos preferem não opinar sobre esse processo por entenderem que se trata de coisa pessoal. “Não acredito que haja, em literatura, resolução de problema. Literatura dá consciência desses problemas. Resolução, não. O que a literatura faz é te abrir possibilidades de visões de soluções. O que Luzilá faz nos romances, se isso de fato resolve ou não, isso é problema dela”, pontua Lourival Holanda.

Ao vê-la falando em voz baixa de suas perdas e de sua relação com a ideia e vivência do amor (estas sempre de forma genérica, sem citar experiências pessoais), não se consegue dizer se há ou não um ponto final definitivo. O passado parece ter distanciado as questões que a moveram, mas, de alguma forma, as ideias têm poder de voltar enquanto se alimenta as galinhas ou põe água nas plantas. Parece ferida cicatrizada, mas em torno da qual existe ainda energia, seja ela de prazer ou dor.

Esses dois temas – prazer e dor – são evidentes em duas obras que, comparadas com o conjunto publicado por Luzilá, podem ser vistos como pontos fora da curva: *Voltar a Palermo* e *Muito além do corpo* (1987). Sem mulheres históricas, os dois textos possuem um tom claramente mais pessoal, cujas referências vêm dos mesmos lugares (música clássica, literaturas francesa e argentina). Confundi-la com as protagonistas dos dois livros é um caminho inevitável. Ela cita as histórias vividas que entraram nos enredos, mas nega que as mulheres sejam projeções fiéis de

“Às vezes não prestam atenção ao amor que tenho ao Recife”, diz Luzilá, falando da sua luta pelo tombamento do Poço da Panela

si. Ainda assim, admite que as narrativas são como “dois pontos diferentes da vida que se tocam”.

Sobre o primeiro, finalista do Portugal Telecom, diz ser o preferido, o mais bem feito do ponto de vista romanesco. “[Os personagens] são intrigantes e se definem até o final do livro. E também essa volta de passado e de presente, o que as repressões [na Argentina dos anos 1970] fizeram comigo e como eu me sirvo desse passado para criar um presente que, finalmente, vai virar passado”, fala. Levou quase dois meses para ser escrito. Começou em um sábado, fim de tarde, Luzilá sozinha na casa imensa. Ouvia Carlos Gardel cantando *El día que me quieras*. “Aí veio tudo”, lembra.

A protagonista é Maria, uma professora que volta à Argentina nos anos 1990 para tentar reencontrar um caso do passado, um taxista chamado Nino, que conhecera 20 anos antes. Ela é carioca “para que não digam que é Luzilá no Recife”. Indago se o caso com o taxista ocorreu de fato. Ela responde aos risos. “Não,

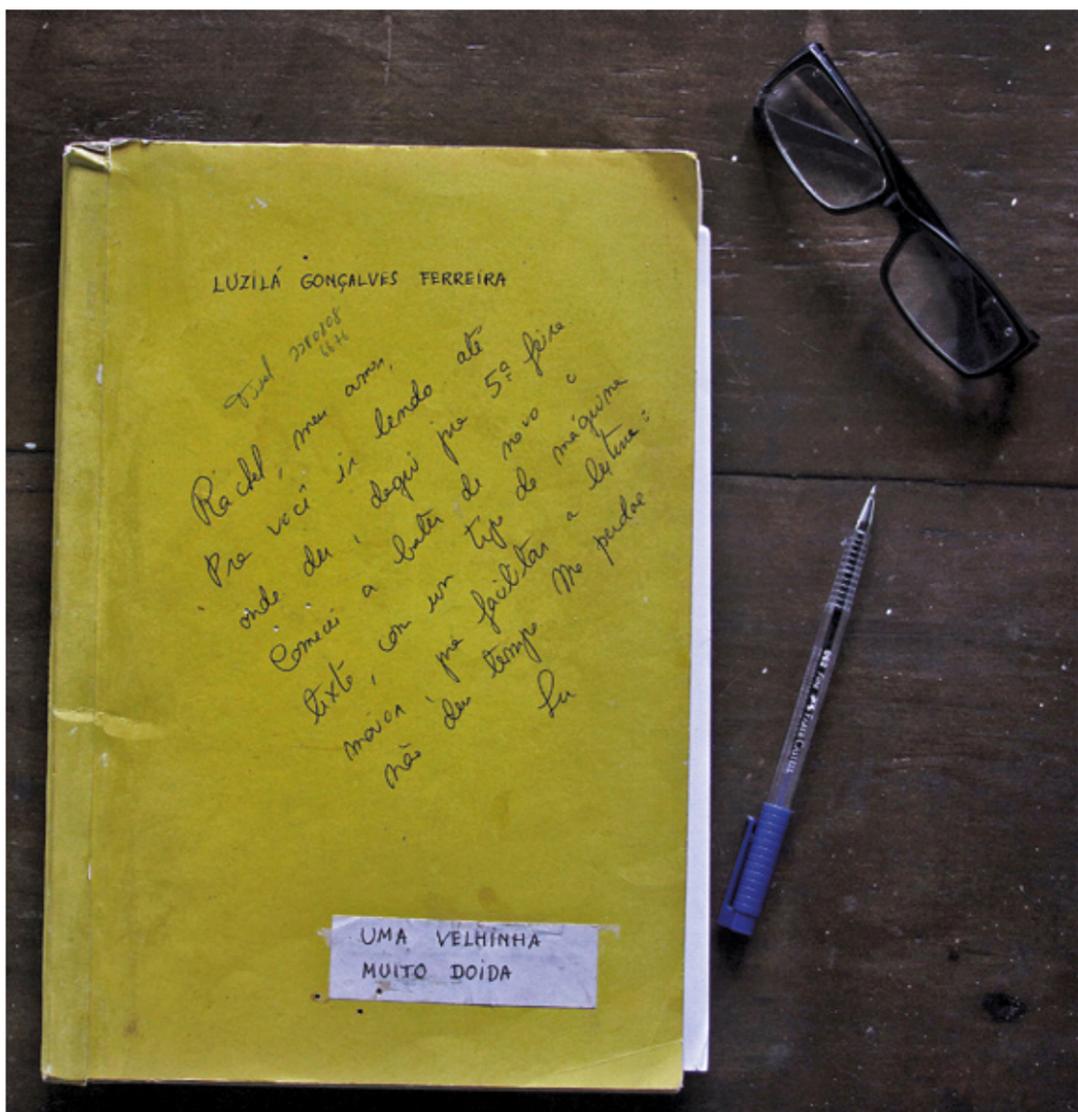
não! Ave Maria, naquela época [em que morava na Argentina] eu era casada e decente”.

Maria descobre que Nino foi preso pela ditadura alguns anos depois da volta dela ao Brasil e que permanece sumido. Sente-se um escorregão na história quando ele retorna milagrosamente de uma prisão. Porque os Ninos não voltam, levados que foram pelas ditaduras políticas ou dos descaminhos das relações humanas. Aos que ficam, resta carne viva e trabalho árduo de descobrir como o amor volta. Para o leitor brasileiro, o personagem funciona porque nosso contexto é o de país em que a memória da repressão foi oficialmente jogada para o porão. Na Argentina seria diferente: lá as lembranças estão na sala de estar, desconfortáveis, mas muito bem instaladas em fotos de desaparecidos ou mortos.

A história é recheada de casos dolorosos de amigos desaparecidos ou perseguidos. O ambiente de tensões políticas e afetivas é Buenos Aires, com destaque para Palermo, bairro que sintetiza uma simbiose com a cultura francesa e com um passado de glória. O livro pode ser olhado, também, pela constante presença da palavra “cotejar”. “Usei no sentido de estar ao lado”, explica. O dicionário acrescenta que a palavra tem um tom de acareação, confronto. Luzilá talvez não saiba, mas foi exatamente isso que Maria fez ao voltar à Argentina.

Já *Muito além do corpo* é singular dentro de uma obra memorialista como a dela, pois se trata de narrativa curta sobre uma mulher sem nome, tempo ou espaço, embriagada por experiências de amor. Essas vivências levam-na a ser mais do que poderia se sozinha estivesse. Um alargamento do sujeito, como Luzilá gosta de dizer. É prosa totalmente poética, e nela há um erotismo evidente e discreto. O livro, vencedor do prêmio Nestlé em 1988, é o credo amoroso da autora.

Sobre o adultério cometido pela protagonista a certa altura, pergunto se isso a torna uma mulher “indecente”. “No meu caso, falei que era casada e decente porque estava em felicidade conjugal”, justifica. A



mulher do livro não lidava bem com alguns sumiços do companheiro, apesar de entender os desejos dele. Na nossa conversa sobre traição, Luzilá cita de forma não-literal o *Jean-Christophe*, de Romain Rolland. “A pior é a do coração. Se você não traiu no coração, tá valendo”. Ela deu o nome do personagem francês ao filho mais velho – os outros dois se chamam Laurent e Lucille.

Tanto em *Voltar a Palermo* como em *Muito além do corpo* há um rapaz de olhos verdes e cabelos cacheados, solidário a causas sociais, sensível à arte, que tem um caso com as protagonistas e que desaparece da vida delas. “Ah, é verdade. Não tinha pensado nisso”, diz a escritora, vagamente. Ela garante que os dois foram construídos com base em várias pessoas, mas o físico foi baseado em um taxista que conheceu em Buenos Aires e que em muito se assemelha ao Nino de *Voltar a Palermo*. Em entrevista disponível no Youtube, conta como conheceu o rapaz na Argentina. Em uma de suas idas ao teatro, o taxista que sempre a levava – um velhinho – não pôde ir, mandou o filho. “Quando eu entro no táxi, olho aquela figura. Pense num homem lindo (risos). Uma cabeleira cacheada, assim, preta, de olhos verdes. Ele olhou para mim com cara de desprezo porque eu estava bem vestida”. Começaram a conversar e ela se interessou em saber porque um taxista lia tanto e tinha extensa cultura musical. Ele era da banda que tocava com Piazzola. O episódio é narrado de forma quase fidedigna no livro.

Viveu, na vida, um amor intenso como o dos dois livros? “Claro”, diz sorrindo, boca sorridente e olhos levemente arregalados. Emenda com algumas observações generalistas sobre o amor, cita Ítalo Calvino. Mudamos de assunto.

A casa passa por uma pequena reforma em nosso último encontro (foram três no total). Sentada em um cadeirão no terraço de casa, começa a falar de patrimônio histórico. Conta de sua luta pelo tomba-

mento das propriedades no Poço da Panela, bairro nobre do Recife, de uma construtora que ofertou dinheiro pela casa, de como os filhos às vezes falaram em transformar o lugar em restaurante. Manter a memória parece ser missão sem fim.

“Às vezes não prestam atenção ao amor que tenho ao Recife. Mas recentemente algumas pessoas notaram isso”, diz, citando *Illuminata* [2012] como lugar (livros são lugares) em que o sentimento fica mais evidente.

E volta ao exercício da história, de si e dos outros. Evidente paixão. “Conheci várias pessoas que moravam no que hoje é aquela desgraça da Dantas Barreto [avenida que hoje abriga o chamado ‘camelódromo’]. Eram quatro ruas. Eu ia muito. Casas conjugadas, pedacinhos de verde, pessoas conversando na porta. As pessoas se desmantelaram. A paisagem fixa seu jeito de ser e se você a dissolve, há um estremecimento”. Fala dos arcos destruídos

das pontes, igrejas pulverizadas. Acompanha de longe as discussões do Ocupa Estelita.

Declama Manuel Bandeira: Revi afinal o meu Recife/Está de fato completamente mudado./Tem avenidas, arranha-céus./É hoje uma bonita cidade. (Pausa). Diabo leve quem pôs bonita a minha terra!

A fala é entrecortada pelas marteladas nas portas da casa (um rapaz raspava e pintava as portas de jacarandá). Os filhos conversam na biblioteca. Luzilá, presente e passado, arremata: “Uma pessoa sem memória não existe. É fácil ser dominado quando não há memória”. Palavra de arquivista que usa pesquisa e ciência para fazer romances, romantismo, exercitar a si mesma enquanto mulher.

Lembro do livro amarelo do início desta reportagem. “Esquecer é matar”. Compreendo a insensibilidade que é ver o fato de ela ler o livrinho como redundância. A leitura dela é afeto. Por todas as esquecidas e por si mesma.

RESENHA

A construção noir da Região Norte do Brasil

Edyr Augusto traz um olhar violento e inusitado de um país quase nunca visto

Rodrigo Casarin

KARINA FREITAS



“Ela compreende o perigo por instinto. Quer escapar. Tarde. Já enlancei o pescoço que torço com facilidade até ouvir o troc! Agora ela está inerte, mole. Nem deu trabalho. Deu vontade. Abro a braguiilha. Ouço os gritos. Não tenho tempo de correr. São muitos. Me batem na cabeça. Muito. Me amarram em um tronco. Me metem a faca”.

Se tem uma coisa que aprendi desde que comecei a escrever sobre livros, escritores, literatura e coisas do tipo, é identificar quando alguém te indica um livro por obrigação ou por convicção. No segundo caso, os olhos dizem algo, a voz fica mais enfática e o discurso, original.

Quando a editora da Boitempo, ao final de uma feira, logo depois de nos conhecermos, em uma conversa totalmente despreziosa, falou de Edyr Augusto, seu semblante deixava claro que ela não me empurrava um autor da casa, mas indicava alguém que eu deveria prestar atenção. Nunca tinha ouvido falar do cara e logo descobri que eram poucos os que conheciam o seu trabalho, praticamente uma falha coletiva da cena literária nacional.

Então li o livro que me foi dado, *Casa de caba*. Brutal! Tal qual outras obras do autor, viria a descobrir. Drogas, corrupção, violência marginal, violência policial, violência policial-marginal, gangues, sexo com amor, sexo com putaria, sexo comprado, sexo com criança, uma linguagem seca, direta, implacável. Excelente! Aquele tipo de livro que, quando acabamos, agradecemos por ter tido contato, por ter nos apresentado um grande escritor.

A feira na qual a editora me apresentou o livro de Edyr aconteceu em Paris, onde ele tem feito algum barulho. Se ainda falta ser amplamente reconhecido por aqui, por lá o paraense de 60 e poucos anos já foi premiado graças às traduções de seus livros e considerado “Um dos seis autores brasileiros incontornáveis”, sendo colocado ao lado de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Milton Hatoum e Luiz Ruffato.

Depois de *Casa de caba* vieram as leituras de *Os éguas* – um livro de quase 200 páginas, algo gigante para os padrões de Edyr –, a magnífica novela *Moscow*, de onde

retirei o trecho que abre este texto, e *Pssica*, seu trabalho mais recente. Mais violência, mais sexo, mais drogas, mais tudo. Os livros de Edyr são variações semelhantes de uma mesma nota. Nota essa que sempre soa pelo Pará, com as características inerentes a cenários urbanos encravados no meio da floresta, algo que se repete em suas crônicas, poesias e peças de teatro, frentes nas quais também atua.

“Como sou um ávido leitor, descobri muitos lugares e cidades a partir dos livros que leio. Então, achei que podia apresentar aos leitores de outros lugares o meu cenário, a minha aldeia. Quanto aos leitores locais, quero que identifiquem as ruas, os acontecimentos, se vejam em cena. Por sua localização geográfica, Belém é uma cidade multifacetada, uma selva de concreto fincada na selva amazônica. Desde seus primeiros dias, entreposto para a Europa, Caribe, América do Norte. Para mercadorias lícitas e ilícitas. Apartados pelas distâncias dos nossos vizinhos, recebemos uma invasão de pessoas quando riquezas foram descobertas em minérios. O Pará é o estado potencialmente mais rico do Brasil e, ao mesmo tempo, um dos mais pobres economicamente. Da janela de meu prédio, vejo o rio e a floresta. Temos todos os presentes que a modernidade pode oferecer e, ao mesmo tempo, a selva com seu próprio tempo. Esse contraste me interessa”, diz ele em uma longa entrevista que preferiu me conceder por *e-mail*.

VIOLÊNCIA FASCINANTE

Uma das referências que insistentemente martelava em minha cabeça enquanto lia os livros de Edyr era *Laranja mecânica*, de Anthony Burgess, mas apenas a primeira parte da obra, enquanto a violência do estado não atua sobre Alex, o protagonista. Não que o braço bruto de nossas organizações oficiais esteja ausente na prosa do paraense, contudo, quando aparece, quase sempre o faz também como criminoso, não como algo que age conforme interesses da sociedade – o que também costuma ser um enorme problema, diga-se. Depois, pesquisando, descobri que a comparação não era original, outros já o tinham feito, inclusi-



“Da janela do meu prédio vejo o rio e a floresta. Temos todos os presentes da modernidade e a selva com seu próprio tempo”

ve chamando os livros de Edyr de “*Laranja mecânica à brasileira*”. Paciência. Ainda que não seja inédito, o paralelo é realmente válido.

Em nossa conversa, Edyr lembra que, para estreitar nos romances, se inspirou em um outro escritor, contudo: Mario Puzo e o seu *O poderoso chefão*. A ideia do paraense era também construir uma narrativa na qual a cada capítulo os personagens aos poucos se cruzassem, o que acabou forjando o seu estilo literário. “O resultado já saiu com frases curtas e ritmo forte. Aprimorei isso no meu segundo livro, e as histórias, cada vez mais, foram ficando assim. A forma, para mim, é o essencial de minha literatura. No fim, as histórias são as mesmas, das pessoas. O que faz diferença é a forma.”

Sobre a violência, tanto a física quanto a psicológica, garante que não sabe como ela, em seus livros, bem como o sexo, ainda pode chocar, já que atualmente as maiores barbáries são apresentadas e reapresentadas com uma frequência enorme nas mais diversas mídias. “Marcelo Mirisola disse uma vez que os ficcionistas deviam tomar cuidado, porque a realidade estava invadindo e tomando conta de tudo”, lembra,

completando que o que faz é escrever palavras, e que cabe a cada leitor formar, em sua cabeça, a imagem do que está sendo narrado.

Entretanto, não nos iludamos com as palavras atenuantes de Edyr. Por mais que a barbárie midiática esteja à disposição de todos, mostrar-se frio ou indiferente ao ler *Pssica*, por exemplo, pode evidenciar o caso de alguém que já esteja em avançado processo de desumanização – algo cada vez mais comum em tempos de pessoas autorizando trens a passarem sobre corpos e de imagens de mortos ou moribundos estraçalhados sendo compartilhadas por Whatsapp, diga-se.

Edyr parte de reportagens de jornais e entrevistas para tratar em uma ficção de dois assuntos bastante atuais no Pará. “Eu realmente queria denunciar a ação dos ratos d’água e do tráfico de escravas brancas”, afirma. Essa contemporaneidade fica explícita logo na cena de abertura do livro, com Janice, uma menina de 14 anos, sendo expulsa de casa porque um vídeo no qual transava com o namorado já estava nos celulares de boa parte da cidade.

Daí vem a história que se desenrola por Belém, Marajó e Caiena, capital da Guiana Francesa, com todo o arsenal habitual de Edyr que já elencamos. “Há um clima úmido. Todos estão sempre suados. Mistura de tecnologia e primitivismo. Cercados pela floresta, dentro de uma floresta concreta. A lei é diferente, ajustada ao que acontecer. Autoridade constituída às vezes é a chave para reinar com suas próprias leis. Segurança é algo que não existe. Belém é uma das cidades mais violentas do mundo. Isso se estende a todos os outros municípios do Pará. Belém do Pará é depois do depois, do depois”, relata o autor, falando ainda sobre o seu cenário, mas também ajudando a delinear mais alguns contornos da narrativa.

VIDAS NORMAIS

Outra referência que me veio à cabeça enquanto lia Edyr foi a banda Velhas Virgens. Tudo bem, sei que está longe de ser uma alusão erudita, literária ou ao menos edificante, mas também faz parte do meu repertório. Ao menos a música em questão tem um

nome oportuno: “Fernando Pessoa Blues”. Em certa parte a letra diz “eu tenho raiva desses falsos heróis, que não conhecem o gosto da lona”. Não há heróis nos livros de Edyr, contudo, até os personagens que de alguma forma se aproximam desse arquétipo não apenas conhecem o gosto da lona, mas também vivem muito próximos dela.

“Talvez eu tenha aversão a esses heróis da ficção que tudo podem, sem sofrer nada a não ser a possibilidade de perder o amor da mocinha. Escrevo sobre as pessoas normais, afetadas duramente por algum fato. Todos nós somos corajosos e medrosos. Heróis e covardes. Somos humanos. Depende da situação. Como escritor, sou um observador das reações humanas. A fala, gestos, esgares das faces. Gente de todas as faixas socioeconômicas. Amigos às vezes se aborrecem porque personagens queridos morrem ao final. É o que a história pede. Final feliz, somente em alguns livros.”

Se não há heróis, ao mesmo tempo, praticamente todos os personagens, até os mais cruéis, parecem ser, de alguma forma, vítimas – e também culpados – de algo significativo. Quando lhe passei essa impressão, ele concordou com algum entusiasmo até. “É isso! Somos nós, humanos e nossas contradições. O homem e sua circunstância. Mais do que a violência, sexo, ritmo, lugar, a chave para o que escrevo é o ser humano e sua circunstância. Ninguém é somente bom ou ruim. Depende da circunstância, dos acontecimentos, dos fatos que agridem as pessoas. Como irão reagir? Isso me interessa. Pessoas que saem de sua zona de conforto e fazem coisas inimagináveis.” Exemplificando, cita, dentre outros, o personagem de *Pssica* que fugiu da guerra de Angola para ter uma vida em paz no Brasil, onde viu sua mulher ser esquarterada, o que o levou a uma guerra particular por vingança, mas acabou tentando a ajudar uma menina perdida que encontrou pelo caminho.

É apenas uma das grandes histórias contadas com maestria brutal por Edyr, um autor que ainda precisa ser amplamente conhecido e reconhecido, um nome incontornável em nossa literatura contemporânea, como bem apontaram os franceses.

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.
 Revista Continente
 +
 Suplemento Pernambuco
0800 081 1201
 e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



O COMPUTADOR QUE QUERIA SER GENTE
 Homero Fonseca

Certo dia, Joãozinho, um garotinho de 10 anos, e Ulisses, seu computador, decidem trocar de lugar por 24 horas. A máquina queria saber como é ser um humano, por pensar que teria toda liberdade que quisesse.

R\$ 30,00



ALGUÉM VIU MINHA MÃE?
 Pedro Henrique Barros

Uma menina e uma joaninha vivem o mesmo dilema: uma série de mal entendidos faz com que se sintam abandonadas pela mãe até que os problemas se resolvem e elas compreendem que são muito amadas.

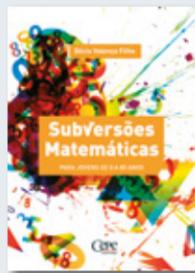
R\$ 20,00



ERA UMA VEZ...
 Gabriela Kopinitz dos Santos

A personagem Cigana Contadora de Histórias, criada pela jornalista Gabriela Kopinitz, que costuma ser levado à escolas para sessões de contação, transforma-se em protagonista e narra várias de suas historinhas nesse livro, que promete encantar as crianças.

R\$ 40,00



SUBVERSÕES MATEMÁTICAS - PARA JOVENS DE 8 A 80 ANOS
 Décio Valença Filho

Jogos, quebra-cabeças e brincadeiras que utilizam o raciocínio lógico compõem o livro de Décio Valença, engenheiro que se intitula "matemático amador" por ser um apaixonado desta ciência. Inclui historietas atribuídas a gênios da matemática, e decifra os problemas mais difíceis.

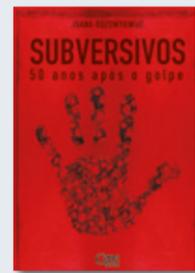
R\$ 40,00



O CORPO E A EXPRESSÃO TEATRAL
 Georges Stobbaerts

O livro nasceu das experiências do autor, que aliou a prática de Judô, Kendo, Iaido e Aikido, as filosofias Zen e Yoga e a formação de atores, resultando numa articulação entre a arte e o movimento, da qual nasceu o projeto Tenchi Tessen, que se baseia em reflexão, meditação e ação.

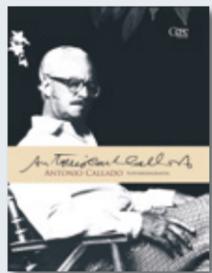
R\$ 25,00



SUBVERSIVOS: 50 ANOS APÓS O GOLPE MILITAR
 Joana Rozowykwiat

Alguns dos "subversivos" que atuaram em Pernambuco após o golpe militar de 31 de março de 1964, entre os quais Luciano Siqueira e Humberto Costa, abrem o coração, revelando como se sentem em relação ao passado e o que esperam para o futuro do Brasil. O livro nasceu da tese de pós-graduação em Jornalismo Político da autora.

R\$ 25,00



ANTONIO CALLADO FOTOBIOGRAFIA
 Ana Arruda Callado (Org.)

Organizado por Ana Arruda Callado, viúva do biografado, *Antonio Callado Fotobiografia* percorre toda a trajetória do escritor, dramaturgo e jornalista, numa sucessão de textos curtos e saborosos.

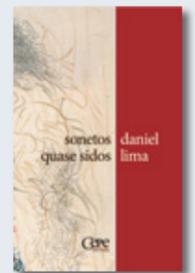
R\$ 90,00



ÚLTIMO PORTO DE HENRIQUE GALVÃO
 Ana Maria César

Minuciosa pesquisa sobre o ambiente que cercava o capitão Henrique Galvão, comandante do navio português Santa Maria, que atracou no Recife em 2 de fevereiro de 1961, com 871 pessoas a bordo. Galvão apoderou-se do navio em protesto contra a ditadura salazarista, e recebeu asilo político concedido pelo recém empossado presidente brasileiro Jânio Quadros.

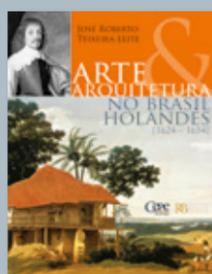
R\$ 45,00



POEMAS 2
 Daniel Lima

Poemas 2 reúne as obras inéditas *Cancioneiro do Entortado* e *Dernantonte*, que aproximam uma expressão popular nordestina e uma brincadeira ou canção antiga, num jogo de palavras que revela o apelo à afirmação de alguém que encontra na poesia o meio de, mergulhando em seu íntimo, entregar ao leitor o que descobriu nas profundezas de si próprio.

R\$ 40,00



ARTE & ARQUITETURA NO BRASIL HOLANDÊS (1624-1654)
 José Roberto Teixeira Leite

Resultado de 50 anos dedicados ao estudo contínuo das artes e arquitetura no período da dominação holandesa no Brasil, o livro de José Roberto Teixeira Leite, *Arte e Arquitetura no Brasil Holandês (1624-1654)*, se debruça especialmente sobre a Arquitetura, o Urbanismo, a Jardínica e a Cartografia, sem esquecer da Literatura, do Teatro, da Música e das artes decorativas.

R\$ 60,00



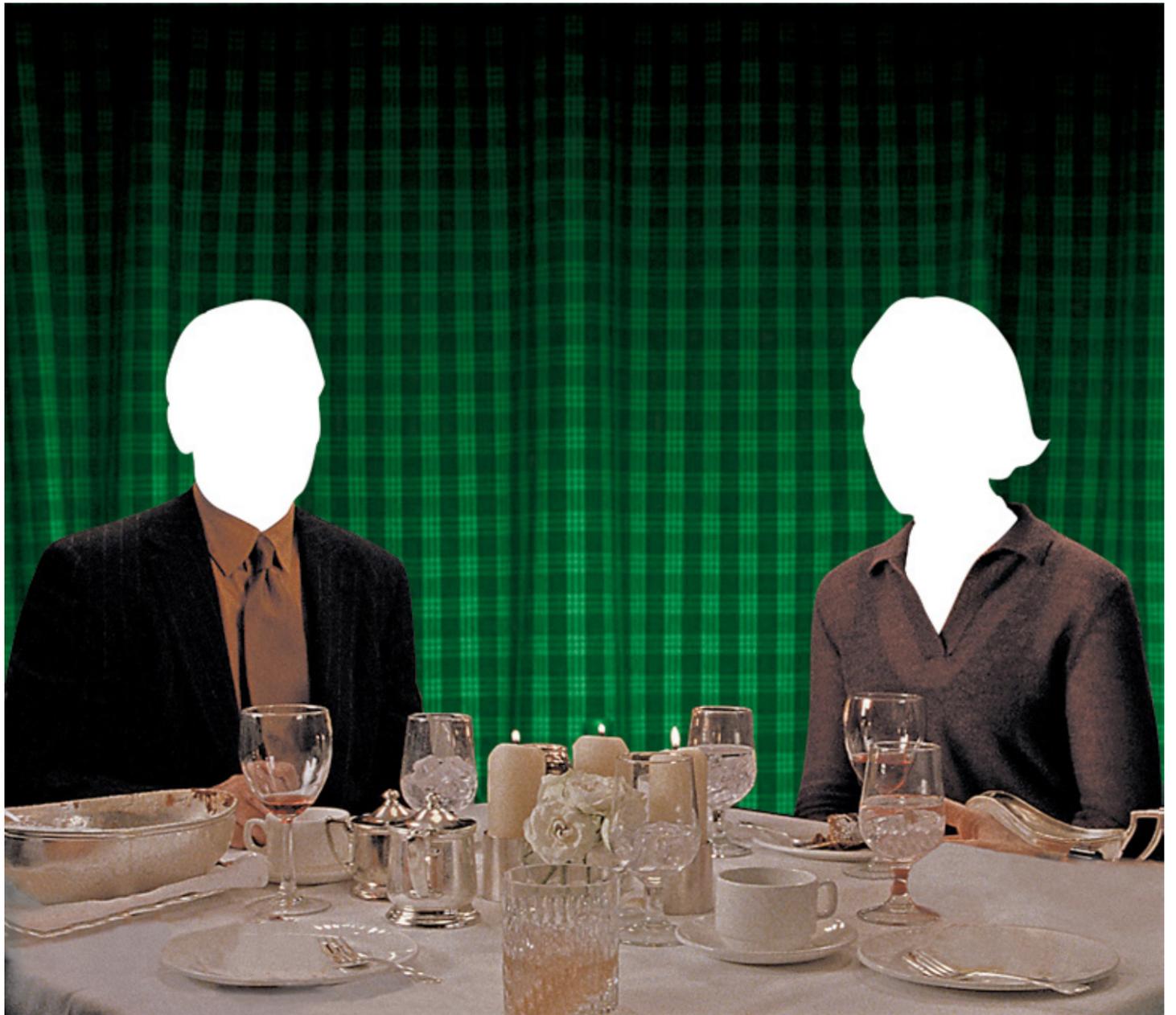
A EMPAREDADA DA RUA NOVA

Livro mítico da literatura pernambucana, *A Emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, "em defesa da honra da família"? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

Cepe
 EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br



No hay banda

16

Sentaram-se à mesa, às nove horas. A fome era grande, a comida era farta, mas se viam impelidos a adiar ao máximo a supressão desse lapso, a evitar ao máximo a saciedade, pois saciar a fome seria acusar o fracasso. Nenhum sabor agora cativaria o paladar, nenhum prazer possível na ingestão obrigatória. Os pratos ainda empilhados no aparador, utensílios ordenados, assados diversos inutilmente preservando seu calor, quatro braços pendendo ao lado dos corpos, seus dedos inertes apontando o chão. Era para ser um jantar, lamentavam os dois. Era para ser uma reunião íntima e gregária, ocasião para alardes e brindes, para se engajar em risos e banalidades, em infrutíferos debates embriagados. Era para ser um jantar, e não a mera satisfação de uma necessidade primária.

Ninguém apareceu, nenhum convidado, ninguém avisou nada. Já sem esperança de que batessem à porta, permaneceram os dois ali sentados sem dizer palavra, interrogando as paredes com olhos inquietos, interrogando os próprios sapatos. Por que tantos os desertavam? Quem os detinha ou impedia seus passos? Teria sido uma abstenção coletiva previamente arquitetada? O jantar era para os colegas dela, os colegas do hospital onde ela acabava de assumir um cargo alto, os colegas que ela encontrava todos os dias, com quem partilhava cafés pelos corredores, com quem discutia sem pressa os casos graves, com quem travava debates sóbrios sobre a reforma daquela instituição que já passara, ao menos no interior de suas salas, por tempos piores. Colegas de todas as horas, companheiros de lutas diárias, por que desapareciam, por que calavam agora?

Ninguém jamais diria, e no entanto era tão óbvio: julgavam a casa deles perigosa. É certo que as assembleias estavam proibidas, vedados todos os encontros de índole subversiva, mas podia um simples jantar ser enquadrado dessa forma? A esse ponto a vida estava proscria, a casa interrompida, cancelada a amizade? Sim, porque se era isso o que os outros sentiam, toda aquela gente próxima, aquela gente íntima, se de fato julgavam a casa deles território

minado, como podiam se privar de dizer qualquer coisa, de alertá-los sobre o risco que corriam? Calar, nesse caso, calar e se abster, calar e sumir, calar nesse caso não seria trair? Sem acusar, sem dizer palavra, permaneciam os dois ali sentados, abnegando a fome, abjurando aliados, e nunca havia sido tão sensível sua vulnerabilidade, nunca as janelas tão francas, nunca as paredes tão frágeis.

Essa noite não ficou registrada, nenhum dos dois se ergueria para buscar a câmera, nenhum dos dois se empenharia em lembrá-la. Por alguma razão, porém, a cena chega a mim em sua imagem quase estática, um milissegundo apreendido em meio à infinidade, meus pais prostrados diante da mesa, seus ombros curvados, a comida fumegante ainda intocada. Sei que dramatizo quando assim os vejo, sei que dou ao caso um peso exagerado, um peso que os relatos deles jamais comportaram. Mas acho que dramatizo esse peso porque posso senti-lo, porque de alguma maneira o entendo, ou creio entendê-lo. Conheço a frustração de um jantar fracassado. Conheço, talvez, a inquietude que bate quando não se pode ocupar o próprio espaço. Conheço, ainda que indiretamente, a sensação de casa tomada.

O que não conheço, o que não posso entender, é a dor de outros jantares cancelados nessa mesma noite, a dor de outras privações, de outras abnegações, de outros insistentes interrogatórios. Outros braços pendendo ao lado dos corpos, seus dedos mais inertes do que os dedos dos meus pais, apontando um chão muito mais próximo. Não consigo conceber a supressão do ser explorada ao máximo, a destruição sistemática desse lapso que é o ser, sua conversão em utensílio torturado. Não consigo imaginar, e por isso minhas palavras se fazem mais abstratas, a indizível circunstância em que calar não é trair, em que calar é resistir, a prova mais extrema de compromisso e amizade. Calar para salvar o outro: calar e aniquilar-se. Talvez estivessem distraídos nessa noite, meus pais, mas a pergunta não lhes escapava. Colegas de todas as horas, companheiros de lutas diárias, por que desapareciam, por que calavam agora?

SOBRE O TEXTO

Esse trecho faz parte do livro *A resistência*, novo romance de Julián Fuks, que sai este mês pela Companhia das Letras

INÉDITOS

Adelaide Ivánova



Até você:
363 horas

1.

Eu estava sem óculos quando eu vi Johannes pela primeira vez. Esperava começar uma reunião de trabalho com uma dona de galeria que queria olhar minhas coisas – tinha tirado os óculos para olhar um catálogo, enquanto ela não chegava. Quando Johannes passou pelo jardim, não dava nem para ver como ele era, porque eu tenho 3 de miopia, mas eu vi que aquele menino tinha cabelo grande e estava carregando muitas malas. Eu achei que era um assistente de artista; sei lá o que eu achei. Mas um *freak* logo reconhece outro – Edward Norton logo se ligou que Helena Bonham-Carter era igual a ele – e eu vi ali um igual, uma pessoa em estado caótico, indo ou voltando de um lugar, procurando qualquer coisa na calça, que era santro-peito de *hipster* (meu Deus, apenas parem), mas eu nem liguei pra isso, foda-se a calça, porque eu estava sem óculos e porque ele era bonito, essa coisa ninguém precisa de óculos para ver.

Eu fiquei olhando para Johannes e perguntei para onde ele, tão lindo, estava indo. Ele disse que não estava indo, que estava chegando. E eu agradeci a Deus que aquele borrão estava ali e ia ficar. “É meu filho”, avisou a mãe dele, se aproximando, a dona da galeria. “É meu filho, acabou de chegar de Argel.” Ela riu, ele riu, eu quis morrer.

JOHANNES.

Quando a reunião acabou eu dei um jeito de anotar meu telefone no verso de qualquer trapo que achei na minha bolsa, que vinha a ser uma nota fiscal de correio. Escrevi: “Me ligue pro que der e vier”. Fiquei orgulhosa, achei bonito meu bilhete, “me ligue pro que der e vier”, parece uma promessa, Ashton Kutcher fazendo serenata para Amanda Peet – Johannes, *I’ll be there for you*. Enfiou o bilhete no bolso da camisa velha dele, ao nos despedirmos na porta da galeria com um “xau” bem normal, sem dois beijinhos, sem nada. A mãe dele ligou mais rápido para fechar negócio, já Johannes demorou exatos sete dias e quando me ligou, dia 12 de junho (nunca vou me esquecer) foi me chamando para tomar um sorvete.

Como eu não sou mulher de tomar sorvete, levei para o *date* duas cervejas. E apareci cedo, para ver Johannes chegando, porque não tem nada mais bonito do que ver o um menino com cabelos lon-

gos voando (os cabelos). E Johannes chegou, e os cabelos voavam, e ele acenou, depois de me esperar 20 minutos no lugar certo. Eu, que tinha ido parar no lugar errado do parque, vi Johannes vindo com a mesma calça santro-peito do outro dia e um pulôver daqueles que tem duas rodela de couro costuradas nos cotovelos, porque Johannes é *hipster* e pensa que isso é bonito. Eu penso que Johannes é mais bonito que tudo, apesar dos cotovelos.

Eu, que mal tinha ouvido a voz de Johannes, faço muitas perguntas, só para ouvir a voz dele, e a voz de Johannes é bonita e eu gosto muito de olhar para ele enquanto ele fala a voz bonita dele; os dentes de Johannes são todos tortos e bonitos e quando ele sorri os lábios somem, já que, quando sério, tampouco têm muita carne. Johannes coloca os cabelos atrás da orelha usando as costas dos dedos. Johannes gosta de Chico Buarque e cita Hölderlin para mim. Johannes me pede para que eu leia meus poemas, e eu leio, e ele diz que é bonito. Antes de eu me mudar para a Catalunha, juntos Johannes e eu tomamos 4 cafés, 2 cervejas, comemos 2 fatias de bolo (maçã e *cheese cake*) e 4 bolas de sorvete (kiwi e avelã; baunilha e chocolate), em vários *dates* diurnos.

Para sair à noite era mais difícil. Nossa presença nos bares da cidade nunca coincidiu, porque eu tenho 33 anos e Johannes tem 21, e eu gosto de *Bloody Mary* e Johannes é *hipster*, vai pra outros cantos. Decidi abrir mão de procurar festas que servissem para as duas faixas etárias e me deixei levar, geriatrica, para os *clubs* que o povo que nasceu nos anos 90 frequenta. Johannes se entupia de coca-cola, e eu ficava pensando no poema de Frank O’Hara (“*having a coke with you/is even more fun than going to San Sebastian (...) / partly because of my love for you, partly because of your love for yoghurt*”), e recitava esse poema em pensamento, ao mesmo tempo que fingia conhecer e tentava dublar as canções que tocam na pista de uma festa para pessoas que nasceram nos anos 90. Johannes, que não sabe dançar, gosta de ficar olhando as festas e se eu perguntasse “Tás de mau humor?” ele sorria tão animado, “Claro que não”; Johannes como é que tu consegue curtir as festas tomando coca-cola a noite toda, sentado na escada?

Johannes me levava para passear nos lugares que ele gostava de passear, dentro e fora da cidade, e Johannes se movia nos lugares como se

SOBRE O TEXTO

O trecho faz parte de um projeto da autora que se chama 363 horas, que seria o tempo que ela levaria pra chegar andando até casa de Johannes



tivesse nascido em todos eles. Se estivéssemos subindo uma montanha, Johannes parecia uma cabra-montês e se fosse o caso de andar de patinete, Johannes sabia também, e ele me explicava o nome e para que servia cada planta nos jardins públicos e nos canteiros da cidade, porque Johannes gostava de botânica. E sabia onde ficava leste e oeste e os nomes dos ventos – bóreas, zéfiro, euro e noto. Johannes gostava de sentar no balanço dos parquinhos de praça e se balançar até bem alto, para se jogar quando o balanço atingisse o ponto mais alto que possivelmente pudesse. Era a única aventura de Johannes que eu achava meio besta, simulacro de *10 coisas que eu odeio em você*, que ele acha *cool* imitar, porque para ele os anos 90 são *vintage* (quando Kurt Cobain morreu eu fui pra escola de preto; Johannes tinha 3 meses).

E quando a gente se olhava nos olhos, e quando ele sorria das coisas que eu dizia, e quando ele sorria de aprovação quando me ensinava alguma coisa do dialeto austríaco (e eu entendia), era como se fosse um troféu; eu sentia uma ternura tão grande, uma vontade de sei lá o quê. Como é o nome disso?

Johannes me contou que quando ele era criança no interior, um cachorro comeu a galinha branca dele, e que ele viu tudo, e ficou muito triste. E o pai dele espantou o cachorro com um pau.

Em “*On the bound*”, Fiona Apple repete “*you’re all I need*” 14 vezes em 5 minutos e 23 segundos. Eu fico repetindo esse nome: Johannes, Johannes. Quando cheguei em Aguiló era esse nome que eu estava falando, parecia um Humbert, se Humbert usasse vestido de viscoso, pronta para levar um tiro.

2.

Antes de calçar esses sapatos decidir voltar para a cidade fosse como fosse, Johannes, eu passava minhas manhãs observando os gatos de Aguiló e lendo pela 14ª vez as obras completas de Adília Lopes. Não sei quantas vezes já as li – tem gente que é analfabeta, eu nesse sentido sou “monofabeta”, o que também diz muito sobre a meu jeito de ser. Eu gosto muito das coisas que gosto.

Eu, “que já fui do pequeno-almoço à loucura”, e que já peguei aviões São Paulo-Colônia em nome de um leonino com quem vim a me casar e corri atrás do último ônibus para Leipzig porque queria ver um ariano e que fazia um desvio enorme

com a bicicleta só para passar pela Berlim Oriental de um taurino; eu agora passo na frente dos *playgrounds* e parquinhos públicos, fazendo esse papel psicopata, para ver se você está saltando tardio de algum balanço. Existem impostos que comprem meu direito de ver você pulando do balanço no parquinho, Johannes?

Será que você já leu Maiakovski tantas vezes quanto eu reconheço, quando leio os 2 *e-mails* que você mandou para mim desde que fui embora da cidade, dia 30 de junho? Será que existe alguma relação Fibonacci entre os 18 *e-mails* que mandei desde então e os 2 que você me escreveu? Sei que Fibonacci está muito em alta entre os jovens, então fiquei pensando.

Antes de calçar esse sapatos e vir andando até aqui, Johannes, eu olhava muito as redes sociais. Eu fiz um *print screen* da única vez que houve uma atualização sua, porque me pareceu bonito que estivéssemos online ao mesmo tempo. Você não falou comigo e atualização não se referia a nada que pudesse ter a ver conosco, mas eu gostei de acompanhar você existindo. Toda notificação de atualização que não é sua é um insulto, e todas as vezes que o telefone não tocou, sei que era você. Johannes, se para cada vez que eu aperto o “*refresh*” morresse uma pessoa na Terra, não sobraria nenhum ser humano vivo. Eu encontrei uma foto sua no Facebook, bem escura, você no contraluz, que clareei no Photoshop até poder ver seu rosto. Foi lindo o que o Photoshop revelou: você estava com um pote de mel na mão e uma colherinha, que antes devia estar no pote de mel, na boca. Johannes, por que você não me responde?

No seu segundo *e-mail* você falou de La Fontaine, e fui pesquisar La Fontaine e cheguei na amante de Luis 14 que tentou envenenar-lo com uma poção fabricada pela bruxa Catherine Deshayes, que foi queimada viva ao ser julgada por uma “câmera ardente”, que era uma comissão especial de julgamento de casos sem apelação em que as pessoas ou eram condenadas à morte ou às galés, mas a amante foi perdoada, assim como Racine foi perdoado, e Racine era muito amigo e La Fontaine, e quando La Fontaine foi citado na biografia de Racine eu lembrei de você, porque você gosta de La Fontaine e porque todas as coisas no fim das contas me levam a você; é o destino. Por isso é que eu vim andando.

Na França tem uma cidade chamada Pau, é perto de Lourdes, vi no mapa, mas ficava muito fora da minha rota para eu passar lá, assim, como não quer nada. Eu queria muito morar lá, só pra poder dizer isso. “Moro em Pau”. “Tô voltando hoje pra Pau”. Sei que pra você, que não fala brasileiro, isso não tem a menor graça, mas sei lá, o importante é dizer as coisas, não é? Será que seu pau herdou esse inexplicável tom de ruivo-divino que tem as suas sobranceiras?

Rimbaud também chegou andando em Paris, Johannes, como eu chego hoje até aqui, e é engraçado lembrar de Rimbaud agora, porque era assim que eu te chamava, porque você parece com Leonardo di Caprio quando ele era jovem e se ele fosse ruivo, e porque você morou na África e porque eu e Paul Verlaine temos você em comum. Johannes, você abriu minhas cartas?

Sabia que depois de 15 dias sem dormir uma pessoa não sabe mais contar de trás pra frente? Os ratos que ficam 15 dias sem dormir morrem. A sua memória é de mais ou menos 50 segundos. Sabia, Johannes, que a mulher que passou mais tempo sem dormir se chamava Maureen Weston, passou 449 horas acordada e ela estava todo esse tempo numa cadeira de balanço? 363 horas são 15 dias, quantos dias são 449 horas e onde chegaria se andasse tudo isso?

Eu não sei se você sabe que estou aqui embaixo. Bom não exatamente embaixo da sua janela, porque tenho medo de você sair pra comprar cigarro e me ver assim. Estou limpando os pés no café com os janelões, esse onde a gente se encontrava e que a gente chamava de aquário, na esquina da sua casa. Vim tirar a terra de cima de mim, trocar de blusa, me fazer apresentável. Não é porque andei 363 horas até aqui que aceito ser vista por você de qualquer jeito. Não quero você pense que estou desesperada.

Eu espero que você me perdoe a personalidade, Johannes, andei 1761 km até aqui e admito que não é apropriado, chegar assim sem avisar.

Johannes, por que você nunca mais me respondeu?

* Em sua defesa, a autora gostaria de ratificar que esse texto é apenas parcialmente baseado em fatos reais e que é contra a redução da maioria penal e emocional.

RESENHAS

ARTE SOBRE CAPA DE DISCO DE SONIC YOUTH



O fim como o mais sincero ponto de partida

Kim Gordon dá o seu relato feminista sobre o Sonic Youth em *A garota da banda*

Carol Almeida

A chuva que acompanha a banda em sua última turnê, a dor invisível que se move entre a voz e o microfone, o refrão que se canta junto entre duas pessoas que não mais se escutam. Kim Gordon decide começar seu livro pelo fim e brinda a esse desfecho com uma bandeja de taças quebradas. “O barulho e a dissonância extremos”, ela diz, “podem ser algo incrivelmente purificante”. As primeiras páginas de *A garota da banda* são espelhos da tempestade emocional que perseguiu os últimos shows do Sonic Youth em sua turnê de despedida pela América do Sul: sua autora só escreve porque precisa se molhar e, quem sabe, se limpar ali, na água e nos ruídos das guitarras, de toda dissonância que ela mesma se tornou.

Essa introdução do livro demarca o lugar de onde Kim Gordon fala. O relato não apenas do fim do Sonic Youth, banda seminal para entender a narrativa disruptiva do rock americano, mas do

desfecho de um casal que havia se tornado uma das principais marcas dessa mesma narrativa; fala de alguém que escreve para exorcizar, para fazer a plateia finalmente escutar o “filho da puta” que ela falou longe do microfone. Seu casamento com Thurston Moore é como aquele grampeador que não estava funcionando e que o ex-marido jogou um dia bruscamente pela janela, estilhaçando tudo pelo caminho. Por tudo que se espera das autobiografias de grandes estrelas do rock, não poderia haver melhor ponto de largada.

Nesse exercício de esconjuro, ela termina por descamar pelas coladas ao corpo não apenas dessa entidade conhecida como os bastidores da música, como de qualquer outro campo da indústria cultural. Pele que ela própria vestiu durante muito tempo, por vezes entendendo, por vezes sublimando, o papel que ela desempenhava nessa trama. O machismo se faz presente em sua vida

desde o protagonismo que seu irmão mais velho assume em casa, passando pelo momento em que ela vê um amigo se tornando “um artista masculino usando mulheres para interagir com o público, e no processo se transformando em um voyeur”, até o momento em que ela precisa responder à incansável pergunta: “Como é ser a garota da banda?”.

“Toda mulher sabe o que eu quero dizer quando digo que as meninas crescem com um desejo de agradar, de ceder seu poder para outras pessoas. Ao mesmo tempo, todo mundo conhece os modos às vezes agressivos e manipuladores com os quais os homens muitas vezes exercem poder no mundo, e como, ao usar a palavra empoderamento para descrever as mulheres, os homens estão simplesmente mantendo seu próprio poder e controle”, ela escreve.

Pode-se mesmo dizer que, se há um tom predominante no livro, ele é o de negar a todo instante

a personagem engessada que tentaram dar a ela nessa grande ficção do *glamour* da contracultura.

O livro, portanto, funciona tanto para quem sempre foi fã ou acompanhou um pouco a carreira do Sonic Youth – estão lá os relatos de como cada disco surgiu – quanto para quem de alguma forma se interessa pelo universo do qual o livro diz respeito, seja a música em si e seu *backstage* (o momento em que ela recorda carinhosamente de Kurt Cobain e descreve Courtney Love como uma egocêntrica descontrolada é particularmente envolvente), seja algo mais amplo, como a curiosidade pela visão de uma artista mulher com voz própria em um ambiente onde a guitarra é a extensão fállica de uma certa forma de poder. Quanto ao texto em si, não esperem a poesia de Patti Smith nessas páginas, mas há algo cru e às vezes até ingênuo nas palavras de Kim Gordon que faz da autora alguém com quem facilmente conseguimos nos corresponder.

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

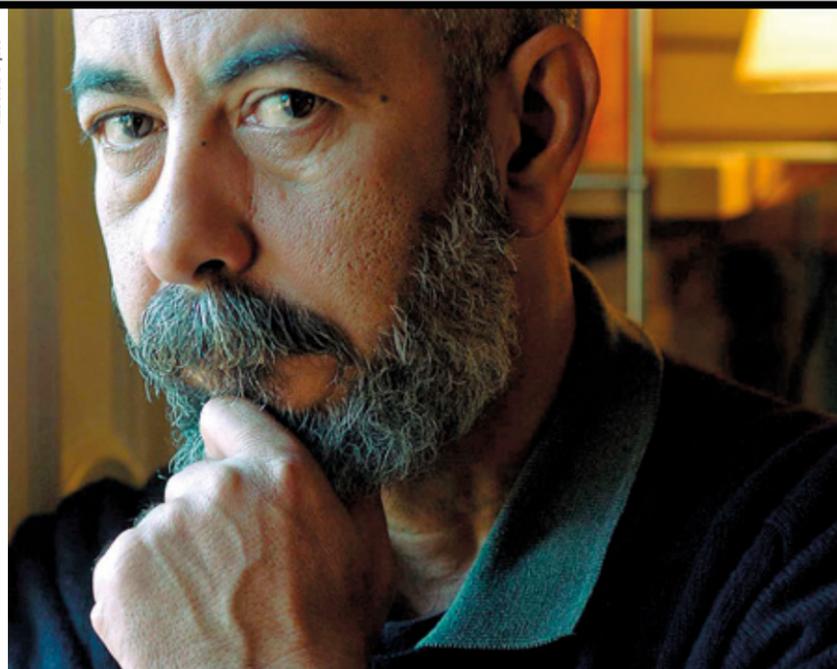
20 ANOS DE BIENAL

Evento faz homenagem este ano a Luzilá Gonçalves e aos poetas Miró da Muribeca e Ascenso Ferreira

Um dos mais tradicionais eventos literários do estado comemora 20 anos de existência: a X Bienal Internacional do Livro de Pernambuco homenageia três autores de estilos diversos, os poetas Ascenso Ferreira e Miró da Muribeca e a romancista, professora e pesquisadora Luzilá Gonçalves Ferreira (capa desta edição do *Pernambuco*). O evento acontece de 2 a 12

de outubro, no Centro de Convenções de Pernambuco. Entre os destaques da programação estão o escritor cubano Leonardo Padura Fuentes (foto), autor de *O homem que amava os cachorros*, vencedor do Prêmio Princesa das Astúrias 2015; a escritora, pesquisadora e crítica literária brasileira Regina Dalcastagnè; a escritora argentina Selva Almada, autora de *O vento que arrasa*, entre outros.

REPRODUÇÃO



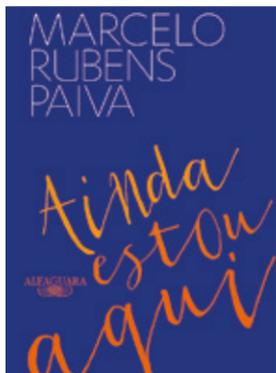
DIVULGAÇÃO



A memória está na sala

Quando os homens armados chegaram na casa de Rubens Paiva, seu filho Marcelo tinha 11 anos e queria apenas jogar futebol na praia. O “dia sem fim” que foi aquele 20 de janeiro de 1971 não deixa de ser uma alegoria bastante útil para a própria relação do Brasil com o seu passado recente. Os homens armados, ou “dedetizadores” como disfarçadamente se apresentaram, estavam ali na sala para caçar outros tipos de ratos, animais que, por excelência, se tornaram a representação de pessoas perseguidas (vide *Maus*, de Art Spiegelman e o conto *Seminário dos ratos*, de Lygia Fagundes Telles). O relato de Marcelo Rubens Paiva sobre o antes e, particularmente, o depois daquela data em que seu pai foi levado embora é um tributo à memória. Não apenas à sua ou à de sua mãe, Eunice Paiva, grande protagonista do livro, mas à memória enquanto instituição de um país

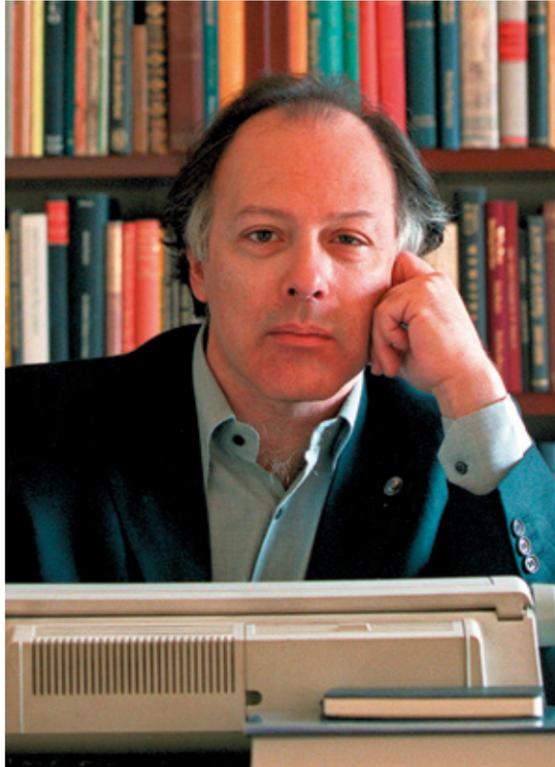
desacostumado a cultivá-la e, ainda mais difícil, debatê-la. Nos relatos pessoais de alguém que está perdendo a mãe justamente para uma gradual desmemóriação, temos um livro despretensioso sobre uma mulher que só se permitia chorar longe de todos, tentando sublimar a memória do luto em nome da luta. **(C.A.)**



NÃO-FICÇÃO

Ainda estou aqui
Autor - Marcelo Rubens Paiva
Editora - Alfaguara
Páginas - 293
Preço - R\$ 39,90

DIVULGAÇÃO



Literatura do espanto

Não se sabe do que são feitos os sustos que habitam a literatura de Javier Mariás, mas continuamos a reuni-los durante a nossa leitura. Em *Assim começa o mal*, existe um espanto-guia que se chama Eduardo Muriel. O cineasta, figura medular para o romance, é – e afirmo isto sem qualquer tipo de receio – um dos personagens mais importantes da literatura espanhola contemporânea. No cenário da Madri pós-ditadura franquista (anos 1980), Mariás constrói um belíssimo trio que orbita ao redor de Muriel: sua mulher, Beatriz Noguera; o amigo Jorge Van Vechten e o narrador, Juan de Vere, esse último, um tipo de secretário particular do cineasta. Entre questões políticas, filosóficas e amorosas, *Assim começa*

o mal é um importante recorte da topografia literária imaginada por Mariás; um livro no qual fica clara a possibilidade de montar o vasto e definitivo catálogo de espantos da literatura espanhola contemporânea, formado pela primorosa obra do madrileno. **(Priscilla Campos)**



ROMANCE

Assim começa o mal
Autor - Javier Mariás
Editora - Companhia das Letras
Páginas - 512
Preço - R\$ 49,90

PRATELEIRA

O DISCURSO SOCIAL E AS RETÓRICAS DA INCOMPREENSÃO: CONSENSOS E CONFLITOS NA ARTE DE (NÃO) PERSUADIR

Síntese da obra do filósofo e linguista Marc Angenot, publicada em mais de 170 livros e coletâneas, organizada por Carlos Piovezani. A obra procura demonstrar o que origina os diferentes papéis dos discursos nos conflitos sociais e como os desentendimentos nascem de crenças e valores variados. O objetivo é levar o leitor a refletir e analisar o mundo contemporâneo a partir do pensamento crítico de filósofos, linguistas e estudiosos do discurso.



Autor: Marc Angenot
Editora: UFSCar
Páginas: 215
Preço: R\$ 32

NOVELAS INSÓLITAS

Reúne *Segredo ardente*; *Confusão de sentimentos*; *A coleção invisível*; *Júpiter*; *Foi ele?*; *Xadrez: uma novela*, traduzidas por Kristina Michahelles. A seleção é do jornalista Alberto Dines, biógrafo de Zweig, que assina o prefácio. Dines incluiu textos em que comenta cada novela, em análises pormenorizadas, contextualizando a produção de Zweig e como as histórias foram recebidas na Europa.



Autor: Stefan Zweig
Editora: Zahar
Páginas: 280
Preço: R\$ 49,90

O MELHOR DA FESTA

Utilizando a ideia dos contos de repetição (como “A velha debaixo da cama” ou “Um elefante incomoda muita gente”), a autora brinca com a sonoridade, em um enredo divertido em que elementos e personagens vão sendo acrescentados, para introduzir na percepção infantil conceitos éticos como o respeito, a importância da diversidade, a inclusão e outros. As belas ilustrações de Bruna Assis Brasil ajudam no desenvolvimento da memória.



Autora: Nye Ribeiro
Editora: Editora do Brasil
Páginas: 32
Preço: R\$ 39,40

AGORA AQUI NINGUÉM PRECISA DE SI

Numa interpretação inovadora, Stephen Greenblatt especula sobre os processos de criação de Shakespeare, preenchendo lacunas da sua biografia. Ele estabelece vínculos entre cenas das peças teatrais e fatos reais, como o enforcamento de um médico judeu em Londres e *O mercador de Veneza*; o catolicismo camuflado da família e o fantasma que assombra Hamlet; ou entre a morte do filho do dramaturgo e a cena do enterro de Cordélia.



Autor: Arnaldo Antunes
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 152
Preço: R\$ 34,90

LANÇAMENTOS

Cepe Editora participa da Bienal com seis títulos

A Cepe Editora participa da Bienal com vários lançamentos, entre eles *A década 20 em Pernambuco: uma interpretação*, de Manuel Souza Barros; *Do meu tamanho*, poemas e pensamentos de Daniel Lima; *Pernambucânia*, de Homero Fonseca; e os infantojuvenis *Bus: simplesmente diferente*, de Jorginho Quadros; *Ventania braba num domingo cinza*, de Luiz Brás; *A história de uma boca*, de Ana Valéria Fink.

LANÇAMENTOS 2

Orquestra do CPM faz homenagem a Clóvis Pereira

A Cepe Editora também lança em outubro, dia 19, às 20h, na Igreja da Madre de Deus, o livro *Clóvis Pereira no reino da pedra verde*, de autoria de Carlos Eduardo Pereira Bernardes Amaral, biografia do maestro que ficou consagrado pelos seus ousados arranjos. O lançamento contará com apresentação da Orquestra de Câmara do Conservatório Pernambucano de Música. A entrada é aberta ao público.

POESIA NA MATA SUL

Projeto percorre escolas de Água Preta e Ribeirão

O projeto Poesia Viva nas Escolas da Mata Sul, com curadoria de Juarez Correia e incentivo do Funcultura, chega em outubro ao município de Água Preta e em novembro estará no município de Ribeirão. O projeto começou em agosto, em Palmares e em setembro esteve em Catende. Em Água Preta, participarão os poetas Severino Cassiano Ferreira, Anna Costa, Fátima Ferreira e Pedro Américo de Farias.

ARTIGO

Mariana Sanchez

JANIO SANTOS

Estar no centro, escrever à margem

Ela passou a escrever ficção quando foi estudar jornalismo, e a falar da província quando se mudou para a capital. Trânsitos aparentemente contraditórios que revelam muito sobre a obra de Selva Almada, jovem escritora argentina cujo nome mais parece pseudônimo e que, tanto em seu país quanto no Brasil – onde chegou há dois meses pela Cosac Naify –, veio para oxigenar a paisagem literária como um vento arrasador, que perturba e desestabiliza. Este pequeno ensaio nasce da minha desistência de resenhar *O vento que arrasa* (depois de tudo que já foi dito, seria um despropósito), mas tem a pretensão de refletir sobre as marcas e inquietudes que atravessam a obra de Selva como um todo, da primeira ficção, *Niños* (2005), à primeira não-ficção, *Chicas muertas* (2014).

A ideia de trânsito citada logo acima evoca uma imagem central em Selva: a beira da estrada. Nascida em Villa Elisa, na província de Entre Ríos, a autora traz no imaginário a figura das cidadezinhas de interior cortadas por este rio de asfalto em que as pessoas vêm e vão. Vias de escape da violência doméstica e do tédio, do preconceito e da hipocrisia, mas que são também um caminho de regresso à infância, esse quintal permanente da memória familiar. Mais do que a estrada, interessa o que fica à margem dela, os *pueblos*, cenário de todas as suas histórias. E é curioso pensar que, dentro do panorama da literatura argentina, sua obra também se situa à margem, num território distante da urbanidade portenha e dos grandes eixos temáticos da produção nacional – onde ainda ecoam a ditadura cívico-militar e a guerra das Malvinas, para citar os principais.

Assim como nos filmes de sua contemporânea Lucrecia Martel, a dramaturgia de Selva parece criar a falsa ideia de que nada acontece, quando na verdade o mais importante está acontecendo silenciosa e subrepticamente: mulheres são violentadas, famílias estão desmoronando, filhos são abandonados e mentiras corroem mais do que ferrugem. A vida é plácida e se arrasta sob o sol modorrento, até que o mormaço vira brisa, a brisa se transforma em vento, então ouvimos os trovões e aquilo que

estava oculto irrompe numa catártica tempestade. Mas tudo já estava latente desde o princípio, numa ideia de iminência.

Não é à toa que cito Lucrecia Martel para falar de Selva Almada. Ambas narram a partir da província, de ecossistemas marcados pelo calor e pela umidade (rios, piscinas), numa atmosfera ricamente sensorial de desolação e morte, onde são constantes os embates entre homem, natureza e fé, mas sobretudo dentro de casa. A família é o núcleo narrativo, mas ela é invariavelmente fragmentada e disfuncional. As relações são ambíguas e incestuosas, os parentes são numerosos e há assuntos sobre os quais ninguém fala. Para evitá-los, recorre-se à religião e às lendas populares sinistras, como as contadas pelo avô Jorge em *Una chica de provincia* – livro de contos com forte carga autobiográfica que será reeditado este ano pela Random House da Argentina sob o título *El desapego es nuestra manera de querernos*, que batiza um dos relatos. A obra está dividida em três partes: *Niños*, centrada na amizade siamesa entre duas crianças ligadas por uma “carnosidade intangível”, *Chicas lindas*, sobre as tensões do mundo feminino pré-adolescente e *En familia*, que narra o suicídio do tio paterno e suas implicações em cada membro da família.

E lá está ela de novo, a família. Em *Ladrilleros* (2013) a trama gira em torno de dois clãs, os Tamai e os Miranda, e de como o rancor entre os adultos é transferido para as crianças até culminar na iminente tragédia. Diferente de *O vento que arrasa*, que estava mais para novela (poucos personagens, poucas locações e tempo condensado em um dia), *Ladrilleros* é um romance que abarca duas gerações ao longo de mais de uma década. As obras também se diferem formalmente: se na primeira os personagens pedem contenção, no segundo tudo é mais visceral e explícito, da raiva ao sexo. Um drama shakespeariano homossexual situado no Chaco argentino onde só há Romeus, sem Julietas.

Há, nas narrativas de Selva, uma estrutura que parece remeter à linguagem audiovisual. Audio, porque trabalha a oralidade e o registro provinciano sem ser transcritiva ou hiper-realista, mas que emula uma musicalidade própria do interior. Visual, pela

força imagética que emana do texto, menos adjetivado e muito descritivo, próximo de um roteiro e beirando a decupagem fotográfica. A cena do Reverendo Pearson sobre o púlpito, pregando aos fiéis – “o cocoruto calvo porejando de suor” – é um dos infinitos exemplos. Sem falar no mecanismo de montagem cinematográfica, com hábeis cortes e *flashbacks*. Não surpreende que ambos romances tenham tido seus direitos vendidos para o cinema.

É inevitável e tentador voltar à analogia Martel. A cineasta conta ter desenvolvido seu sistema de diálogos filmando conversas familiares na cozinha de casa, em Salta. Durante anos, Selva viajou de carona entre Villa Elisa e Paraná, onde fazia faculdade – ela conta o episódio em *Chicas muertas* –, e é possível que, enquanto tomava mate e ouvia os caminhoneiros da região, com sua pronúncia e vocabulário tão particulares, construísse internamente uma voz literária original.

Dentre todas as obras desta grande ficcionista, foi justamente esta não-ficção, *Chicas muertas*, a que mais me tocou. Depois de escrever sobre protagonistas masculinos inseridos em mundos violentos, é simbólico que este livro tenha protagonistas mulheres, só que mortas. Em tom de crônica jornalística, Selva narra em primeira pessoa três casos de feminicídio ocorridos nos anos 1980 e até hoje não solucionados. Para isso, viaja até os *pueblos* onde os crimes ocorreram, entrevista familiares das vítimas e remonta aos dias prévios e posteriores às mortes. Paralelamente, relembra passagens de sua própria infância e adolescência nas quais a violência de gênero esteve presente, ainda que velada. E chega à terrível conclusão: num país onde uma mulher é assassinada a cada meia hora, estar viva é questão de sorte.

Seja transitando pelo mundo real ou o imaginado, desde sua experiência ou de uma construção ficcional, Selva Almada vem desenvolvendo uma obra de enorme valor estético que reafirma uma tendência: a de que a província e a periferia, hoje, parecem produzir histórias bem mais empolgantes do que nossas esvaziadas e massificadas metrópoles. Estar no centro, mas escrever à margem, me parece um ato tão urgente quanto revolucionário.